

Appunti leopardiani

(16) 2, 2018

<http://www.appuntileopardiani.cce.ufsc.br>

ISSN: 2179-6106

DIREZIONE

Andréia Guerini - Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq/Brasile

CONDIRETTORI

Fabiana Cacciapuoti - Biblioteca Nazionale di Napoli/Italia

Gisele Batista da Silva - Universidade Federal de Rio de Janeiro/Brasile

Andrea Ragusa - IELT/ Universidade Nova de Lisboa/Portogallo

COMITATO SCIENTIFICO

Guido Baldassarri - Università degli Studi di Padova

Novella Bellucci - Università di Roma La Sapienza

Roberto Bertoni - Trinity College Dublin

Alfredo Bosi - Universidade de São Paulo

Anna Dolfi - Università degli Studi di Firenze

José Expedito Passos Lima - Universidade Estadual do Ceará

Marco Lucchesi - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rita Marnoto - Universidade de Coimbra

Laura Melosi - Università degli Studi di Macerata

Wander Melo Miranda - Universidade Federal de Minas Gerais

Franco Musarra - Katholieke Universiteit Leuven

Sebastian Neumeister - Freie Universität Berlin

Luciano Parisi - University of Exeter

Fabio Pierangeli - Università degli Studi di Roma "Tor Vergata"

Mariagrazia Russo - Università degli Studi Internazionale di Roma

Lucia Strappini - Università per Stranieri di Siena

Emanuela Tandello - University of Oxford Maria

Antonietta Terzoli - Universität Basel

Jean-Charles Vegliante - Université Sorbonne Nouvelle, Paris 3

Pamela Williams - University of Hull

CONSIGLIO EDITORIALE

Alessandra Aloisi - Università degli Studi di Pisa

Sandra Bagno - Università degli Studi di Padova

Stefano Biancu - Università Cattolica del Sacro Cuore/Milano

Fabio Camilletti - University of Warwick

Paola Cori - University of Birmingham

Anna Palma - Universidade Federal de Minas Gerais

Emanuela Cervato - Nottingham Trent University

Floriana Di Ruzza - Università degli Studi di Sassari

Luca La Pietra - Università per Stranieri di Siena

Tânia Mara Moysés - Universidade Federal de Santa Catarina

Karine Simoni - Universidade Federal de Santa Catarina

Cosetta Veronese

Lucia Wataghin - Universidade de São Paulo

DIRETTORI DI REDAZIONE

Ingrid Bignardi - Universidade Federal de Santa Catarina

Cristina Coriasso - Universidad Complutense Madrid

Roberto Lauro - Università degli Studi di Macerata

WEBDESIGNER

Avelar Fortunato

Índice/Indice

Apresentação/Presentazione 4

Leopardi na imprensa brasileira: 1875-1915 - Andréia Guerini e Ingrid Bignardi

Leopardi nella stampa brasiliana: 1875-1915- Andréia Guerini e Ingrid Bignardi

Artigos/Saggi 8

Giacomo Leopardi sua vida e obra - Bouché Leclercq 9

Um Canto de Leopardi - Lafayette de Toledo 15

Leopardi - Carlos Magalhães de Azeredo 19

O poeta do pessimismo: Giacomo Leopardi - Alfredo de Carvalho 55

Factos e Impressões - J.C 58

O Cysne Negro de Recanati: Leopardi - H.Fierens Gevaert 62

Leopardi - Leonardo Mascello 67

O Cysne Negro de Recanati - Paula Guimaraens 73

Traduções/Traduzioni 76

Canto Nocturno de um pastor erradio na Asia - Ruy Barbosa 77

A si mesmo - Júlia Cortines 81

Imitação - F. Solano 82

La Sera del dí di festa - Leonardo Mascello 83

Poesia 85

Sonhei - Baptista Franco 86

A Giacomo Leopardi - Júlia Cortines 87

Leopardi - Santos Netto 88

Apresentação

Leopardi na imprensa brasileira: 1875-1915

Este número de *Appunti Leopardiani* é dedicado a Leopardi no sistema cultural português, mais especificamente no Brasil. A partir de uma seleção de textos publicados na imprensa escrita entre o final do século XIX e o início do século XX, este número apresenta 08 artigos, 04 traduções e 03 poesias em homenagem a Leopardi. Abre o volume, um dos primeiros textos sobre Leopardi a circular no Brasil. Trata-se de uma parte da biografia *Giacomo Leopardi sa vie et ses oeuvres*, escrita por Auguste Bouché-Leclercq, em 1874 e publicada em tradução, em 1875 no jornal *A Província de São Paulo*, acompanhada de um comentário sobre essa biografia, em que o autor destaca a eloquência de Bouché-Leclercq ao descrever a vida e a obra de Leopardi. Na sequência, temos o artigo “Um Canto de Leopardi”, de Lafayette de Toledo, que aborda aspectos da poesia e da prosa leopardiana, concluindo que “Leopardi é philosopho e poeta, porém mais poeta que philosopho”. Dando continuidade à cronologia de publicação dos textos que apareceram na imprensa escrita brasileira, temos “Leopardi”, de Carlos Magalhães de Azeredo, que é uma espécie de biografia comentada, na qual Carlos Magalhães de Azeredo destaca elementos da vida através da obra, que é segundo o autor é fruto da “infelicidade”, do “desespero”, da “enfermidade” do “poeta e pensador de altas ambições espirituas”. Em “O poeta do pessimismo: Giacomo Leopardi”, Alfredo de Carvalho retoma o texto de Carlos Magalhães de Azeredo para também tratar da vida e da obra de Leopardi, enfatizando, como o título indica, o “pessimismo” do escritor italiano, que é definido como o “mais melancólico dos poetas modernos”. Outro ponto desse artigo é o fato de Alfredo de Carvalho mencionar a repercussão da obra de Leopardi na Itália, mas também em outros países da Europa. No Brasil, ele informa que a poesia de Leopardi é conhecida através de traduções francesas e um dos tradutores para o francês da poesia de Leopardi, que ele cita, é Victor Orban, literato belga, que conseguiu “reproduzir com equivalência perfeita o pensamento do mais ilustre e mais sincero poeta do pessimismo”. Em “Factos e Impressões”, o autor, nomeado com as iniciais J.C., em decorrência da passagem de ano, trata da temática “esperança” e para exemplificar diz ter “folheado com curiosidade uma página pessimista de Leopardi”, que segundo ele é “o cantor desesperado da *Infelicitá*”, comentando e transcrevendo o célebre “dialogo do transeunte e do vendedor de almanachs”, que ele diz estar “saturado de amargo

pessimismo”. Em “O Cysne negro de Recanati: Leopardi”, de H. Fierens Gevaert, temos a tradução de um texto publicado na França, no qual o autor aborda a temática do suicídio em Leopardi para depois descrevê-lo como pessimista, denominando-o como o “Cysne Negro de Recanati”, por carregar em si uma “melancolia absoluta, irremediavelmente compenetrado como estava das desgraças da nossa humanidade”. Em “Leopardi”, Leonardo Mascello destaca aspectos da vida de Leopardi, descrevendo-o como o “mais infeliz” e o mais “divinamente inspirado” dos poetas italianos. Mascello descreve a relação com os pais, os estudos, a paixão pelo mundo antigo, os amores não correspondidos e justifica o pessimismo das obras pela deformidade do corpo e das doenças. Retomando a denominação “Cysne Negro de Recanati” Paula Guimaraens, em “O Cysne Negro de Recanati: Leopardi”, discute elementos do pessimismo leopardiano em comparação com outros autores europeus. Completam este número 05 traduções publicadas no período de 1884 a 1915: “Canto Nocturno de um pastor erradio (errante) na Asia”, realizada por Ruy Barbosa; “A si mesmo”, por Júlia Cortines; “Imitação”, por F. Solano e “La Sera del dí di Festa”, de Leonardo Mascello. Por fim, apresentamos três poemas em homenagem a Leopardi: “Sonhei”, de Baptista Franco, “A Leopardi”, de Júlia Cortines e “Leopardi”, de Santos Netto.

Andréia Guerini

Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq

Ingrid Bignardi

Universidade Federal de Santa Catarina/CAPES

Presentazione

Leopardi nella stampa brasiliana: 1875-1915

Questo numero di *Appunti Leopardiani* è dedicato a Leopardi nel sistema culturale portoghese, nello specifico in Brasile. Partendo da una selezione di testi che circolavano nella stampa brasiliana tra la fine del XIX e l'inizio del XX secolo, questo numero presenta otto articoli, quattro traduzioni e tre poesie. Ad aprire il volume è uno dei primi testi pubblicati in Brasile su Leopardi. Si tratta di una parte della biografia *Giacomo Leopardi sa vie et ses oeuvres*, [Giacomo Leopardi, vita e opere], scritta da Auguste Bouché-Leclercq nel 1874 e pubblicata in traduzione nel 1875, sul giornale *A Província de São Paulo*, arricchita da un commento sugli aspetti di questa biografia, in cui l'autore sottolinea l'eloquenza di Bouché-Leclercq nel descrivere la vita e l'opera di Leopardi. A seguire troviamo l'articolo "Um Canto de Leopardi", [Un Canto di Leopardi], di Lafayette de Toledo, che affronta aspetti della poesia e della prosa leopardiane, concludendo che "Leopardi è filosofo e poeta, ma più poeta che filosofo". Continuando la cronologia della pubblicazione dei testi apparsi sulla stampa brasiliana, abbiamo "Leopardi", di Carlos Magalhães de Azeredo, che è una sorta di biografia commentata, in cui Carlos Magalhães de Azeredo mette in evidenza le questioni biografiche attraverso l'opera leopardiana, che è frutto dell'"infelicità", della "disperazione", della "malattia", del "poeta e pensatore dalle alte ambizioni spirituali". Ne "O poeta do pessimismo: Giacomo Leopardi", [Il poeta del pessimismo: Giacomo Leopardi], Alfredo de Carvalho riprende il testo di Carlos Magalhães de Azeredo per affrontare anch'egli la vita e l'opera di Leopardi, sottolineando, come indica il titolo, il "pessimismo" dello scrittore italiano, che è definito il "più malinconico dei poeti moderni". Un altro punto di questo articolo è il fatto che Alfredo de Carvalho menziona la ripercussione dell'opera di Leopardi in Italia, ma anche in altri paesi europei. In Brasile, riferisce che la poesia di Leopardi è conosciuta attraverso le traduzioni in francese, e cita uno dei traduttori in francese della poesia di Leopardi, Victor Orban, un letterato belga, che è riuscito a "riprodurre con una perfetta equivalenza il pensiero del più illustre e sincero poeta del pessimismo". In "Factos e Impressões", [Fatti e Impressioni], l'autore, indicato con le iniziali J.C., dovuto all'evento della fine dell'anno, affronta il tema della "speranza" e, per esempio, dice di aver "sfogliato con curiosità una pagina pessimista di Leopardi", che secondo lui è "il disperato cantore dell'Infelicità", oltre a commentare e trascrivere il celebre "Dialogo di un venditore di almanacchi e di un passeggero", che l'autore

afferma essere “saturo di amaro pessimismo”. In “O Cysne negro de Recanati: Leopardi”, [Il Cigno nero di Recanati: Leopardi], di H. Fierens Gevaert, abbiamo la traduzione di un testo pubblicato in Francia, in cui l’autore affronta il tema del suicidio in Leopardi per poi descriverlo come pessimista, definendolo appunto il “Cigno nero di Recanati”, giacché alberga nel poeta una “malinconia assoluta, irrimediabilmente attraversato com’era dalle disgrazie della nostra umanità”. In “Leopardi”, Leonardo Mascello evidenzia le fasi della vita di Leopardi, descrivendolo come il “più infelice” e il più “divinamente ispirato” dei poeti italiani. Mascello descrive il rapporto con i genitori, gli studi, la passione per il mondo antico, gli amori non corrisposti e giustifica il pessimismo delle sue opere attraverso la deformità del corpo e la malattia. Riprendendo la definizione di “Cigno nero di Recanati”, Paula Guimaraens ne “O Cysne Negro de Recanati: Leopardi” tratta degli aspetti del pessimismo leopardiano comparandoli con quelli di altri autori europei. Quattro traduzioni pubblicate sulla stampa dal 1884 al 1915 completano questo numero: “Canto Nocturno de um pastor erradio (errante) na Asia”, di Ruy Barbosa; “A se stesso”, di Julia Cortines; “Imitazione” di F. Solano e “La Sera del dí di Festa”, di Leonardo Mascello. Infine, presentiamo tre poesie che rendono omaggio a Leopardi: “Sonhei” di Baptista Franco, “A Leopardi” di Julia Cortines e “Leopardi” di Santos Netto.

Andréia Guerini

Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq

Ingrid Bignardi

Universidade Federal de Santa Catarina/CAPES

ARTIGOS/SAGGI

Giacomo Leopardi sua vida e obra¹

Auguste Bouché-Leclercq

I

N'uma cidadezinha dos antigos Estados da Igreja, em Recanati, nasceu um menino, em 1798, n'uma família de fortuna modesta, mas de nobreza antiga. Seu pae, o conde Monaldo Leopardi, que, no meio das perturbações políticas da Itália, procurou refugio e consolação no estudo, abriu-lhe cedo a sua biblioteca. Foi ahi que elle cresceu no meio dos livros, que para logo lhe ensinaram mais do que sabiam seus mestres, modestos latinistas. Ahi aprende sósinho o grego, o francês, o hespanhol, o inglez, o allemão, o hebraico, e nutre a precoce intelligencia com as obras mais substanciaes e mais saborosas do genio humano. Esse Pascal da erudição publica, aos dezeseis annos, não um tractado dos conicos, mas uma nova edição greco-latina de Plotino. Aos dezessete annos, escreve um *ensaio acerca dos erros populares dos antigos* e começa, percorrendo o vasto dominio da credulidade humana, a confundi-lo com o da fé. Aos dezenove annos, traduz em versos italianos alguns dos cantos mais graciosos ou mais grandiosos da antiguidade grega. Animam-no, admiram-no: seus compatriotas e os estrangeiros vêem nelle a esperança da erudição e da poesia italiana. Já é quasi illustre; mas já é desgraçado.

Nesses trabalhos prematuros, alterára-se-lhe de modo irremediavel a saúde, naturalmente delicada. Esse poderoso cérebro será sempre servido por orgams debeis. Essa alma audaz, de vastos projectos, esse coração amante e altivo, estão encarcerados n'um corpo acanhado e rachitico, em fórmias que provocam a zombaria ou a piedade.

Cedo perde a fé, que unica poderia encantar-lhe os olhos magoados pelas tristes realidades mundanas, abrindo-lhes as perspectivas deslumbrantes de uma felicidade ideal e sem fim.

O patriotismo durante algum tempo o inspira. Celebra a patria, a gloriosa, a então malaventurada Italia, em cantos cheios de soluços, cheios de fogo. Mas não tarda que desespere della, como se ella merecesse a deagraça e a servidão que soffre. Secca-se-lhe o manancial das lagrymas, e o seu patriotismo já não encontra sinão vozes de cólera ou sarcasmos.

Si, pelo menos, pudesse dizer alto e bom som o que pensa! Mas sob um governo inimigo de toda a ousadia, n'um paiz e numa epocha em que toda a liberdade era reprimida

¹ Texto extraído do jornal *A Província de São Paulo*, de 16 de abril de 1875. Optamos por manter a grafia da época tal como publicada no jornal.

como revolta, toda a verdade temida como um perigo,— entre oppressores hypocritas ou tyrannicos e victimas pela maior parte resignadas, ás vezes até contentes com a sua sorte, — obrigado a contar com a censura dos Estados, com a de seu pae, mais severa e mais timida ainda, não póde exprimir o seu pensamento sinão com precauções ou esforços infinitos.

Si conhece a amizade, a liberdade, a esperança, é justamente quanto é preciso para lhes sentir profundamente a perda. O amor, que nelle nunca foi mais do que uma ebriedade do coração e da imaginação, depois de haver brilhado em alguns dias de sua triste existência, não lhe deixa sinão pungentes saudades. Parece que foi animado, seduzido; humilhou a sua altivez aos pés de uma mulher, depois viu-se despedido com um sorriso de zombaria que lhe deixou no inno do coração uma ulcera incurável.

A sua maravilhosa intelligencia, que o eleva acima dos outros homens, nem lhe dá para conquistar a existencia independente a que póde aspirar, em quasi todos os paizes, o mais modesto talento. Depende sempre de um pae para quem a economia é aliás uma necessidade, de affeição magestosa e fria, de espirito acanhado e timorato, de idéas e sentimentos contrários aos seus em quasi todos os assumptos. Em Roma, sem duvida, poderia com o seu nome aspirar nos empregos e ás honras; mas teria de tomar o habito ecclesiastico, disfarçar os seus sentimentos, occultar as suas convicções: recusa.

Em Bolonha, entrega-se a trabalhos muitas vezes aridos, ás vezes enfadonhos, que nem bastam para dar-lhe o necessario. Bem se lembra de expatriar-se; mas quando as forças lh’o permittem, nenhum país estrangeiro lhe offerece a modesta situação que ambiciona.

Quando esta parece que se lhe oferece na Allemanha, muito ao invéz de poder affrontar o frio do Norte, está quasi incapaz de supportar os hiversos clementes de sua patria. Nunca o seu misero genio se liberta das contingencias brutaes e gélidas da dependencia e da pobreza.

Vae-se, pois, cada vez mais imergindo no desespero, acabrunhado, na idade da força e dos longos projectos, por todos os incommodos de uma velhice prematura, por males imnginarios e enfermidades muito reaes, torturado por todas as aspirações unidas a todas as impotencias, excepto as do pensamento.

Indignava-se logo de se vêr condemnado pela fraqueza physica e pela desgraça da situação a renunciar à vida de acção, a não poder seguir as pégadas dos grandes homens da antiguidade, cuja virtude pagã admirava. Não se servia da penna sinão com desgosto, em falta de outra cousa; mas eis que lhe vêm a faltar as próprias lettras, o estudo, a sua suprema consolação.

“Tinha eu apenas vinte annos, diz elle, quando, em consequencia desta enfermidade dos nervos e dos orgams, que me priva da vida sem me dar a esperança de morrer, este só e

unico bem me ficou reduzido a menos de metade; finalmente, dous annos antes de chegar aos trinta, perdi-o inteiramente, e desta vez, parece-me que para sempre. Estas proprias folhas, sabeis que as não pude lêr, e que para as corrigir preciso me foi recorrer a mão alheia. Não tenho mais forças para gemer, e a consciencia que tenho do meu infortunio não se compadece com o lamento. Perdi tudo: sou um velho tronco que sente, e que soffre.”

Os seus ultimos annos foram entretanto menos dolorosos do que se podia esperar.

Graças á generosa dedicacão de um amigo admirável, o sr. Ranieri, pôde viver longe desse Recanati que já se lhe afigurava uma odiosa prisão onde não encontrava ninguém que o comprehendesse e consolasse. A’s margens divinas do golfo napolitano, debaixo desse céu onde os mais desventurados sentem alliviar-se-lhes o peso da vida, encontra um tecto hospitaleiro, sollicitos cuidados, caroaveis affeicões, admiracão e amizade. Mas era, já müito tarde; os homens só podiam d’ora em diante tornar-lhe menos amargos os soffrimentos, amenisar-lhe os ultimos dias, e retardar por alguns mezes talvez a morte, que o veio prostar em 1837, antes que tivesse chegado aos trinta e nove annos.

Não deve agora admirar que a poesia de Leopardi seja profundamente triste; que as suas opinões philosophicas sejam desconsoladoras; que tenha visto tudo, os homens, o mundo e o céu, através do véu sombrio dos seus soffrimentos, que tenha passado a vida a cantar para si proprio, como algures o disse, um canto funebre, eloquentíssimo sem duvida, si com Musset devemos crêr, dos cantos, que

São mais bellos os mais desesperados.

Não deve admirar que tenha amado, evocado a morte, e que tenha préviamente dito adeus à vida, dirigindo ao proprio coração estas medonhas palavras, em que a blasphemia é como uma derradeira convulsão da dor:

“Vaes enfim repousar para sempre, coração fatigado.....Já demais palpitaste. Nenhuma cousa merece fazer-te bater, e a terra não é digna dos nossos suspiros. Amargura e tédio, eis a vida, nada mais; é um lodaçal este mundo. Acalma-te de hoje em diante. Desespera pela ultima vez. A’ nossa raça só um dom concedeu o destino, a morte. Despreza tudo o mais, a ti proprio, a natureza, esse medonho poder que, assombra, governa para a desgraça universal, e a infinita vaidade de todas as cousas.”

II

Essa intelligencia que lançou tão cedo e em todos os sentidos tão esplendidos clarões, esse gênio que não deixou nunca de debater se contra mil obstáculos, essa poesia tão original,

tão diferente dos cantos brilhantes que ordinariamente resôam sob o céu da Italia, eram sem duvida para tentar um espirito não menos familiarizado com as litteraturas estrangeiras do que com a erudição classica e habituado a procurar o reflexo dos sentimentos do homem nas concepções do poeta. Essa imagem que acabo de esboçar de modo tão imperfeito, o sr. Bouché-Leclercq desenhou-a em traços exactos e delicados n'um livro eloquente, em que a sympathia pelos soffrimentos de Leopardi não acarreta nenhum excesso de indulgencia pelos seus erros.

Segue-o passo a passo na curta e triste existencia, fazendo o exame das obras e a biographia do auctor. Torna a collocá-lo no meio desse mundo que o viu viver e soffrer, nessa Italia que não o pôde admirar livremente enquanto vivo, mas que soube prestar-lhe homenagem depois de sua morte, ao lado desses homens celebres que reconheciam nelle um igual ou um mestre e a quem elle excitava a um tempo a compaixão e a inveja. Não se contenta de marcar-lhe o logar entre os litteratos do seu tempo e de sua patria; compara-o mais de uma vez nos espíritos da mesma familia nascidos em outras épochas ou em outras regiões, e principalmente áquelles com que se poderia compôr um grupo litterario que se chamaria o grupo dos desesperados e dos revoltados.

As traducções de Leopardi, os seus trabalhos de philologia e de erudição, que provam tão solidos estudos e tão intimo conhecimento do genio grego, não detiveram por muito tempo o biographo, ainda que as pudesse julgar como homem para quem a sciencia da antiguidade não tem segredos. Teve razão, ao que me parece.

Quando se quer conhecer um homem notavel, não se vae estudá-lo nas obras em que se resignou a não ser mais do que interprete e commentador do pensamento alheio.

Não era necessário tão pouco submitter a uma longa discussão essa philosophia fundada nas miserias pessoas do philosopho, e que de boamente tomaria para ponto de partida esta proposição de um novo cartesianismo: - Soffro, logo existo. - Poucos esforços seriam necessários para refutar essa metaphysica do desespero que conclue de uma desgraça particular para a desgraça universal, do soffrimento de uma creatura para a barbaridade do poder creador, que produziria não atheus, mas theophobos, e que está igualmente em contradicção com as crenças consoladoras do christianismo e com as lições masculas e fortificantes da sciencia moderna.

Talvez mesmo a severidade com que a critica executa essa philosophia é que não lhe permite fazer bastante justiça ao mérito litterario desses estranhos diálogos em que o sarcasmo é tão amargo, o motejo tão triste e tão incisivo, o raciocinio às vezes tão subtil; em que a linguagem é tão nervosa no seu frio escarneo.

Mas o que elle com razão admira e o que maravilhosamente nos faz comprehender, é

essa poesia unica no seu genero, em que as lamentações arrancadas das proprias entranhas do poeta e do mais recondito do seu coração ulcerado modulam-se com a mais apurada arte em suaves e pungentes melodias. Quando Musset, na sua bem conhecida apostrophe:

Tôrvo amante da morte, oh pallido Leopardi, felicita o rival italiano por haver depressado a rima e a sua languida harmonia, tem razão de elogiar essa arte em que nunca a expressão vem falsear ou enervar o pensamento; mas porventura, como observa o sr. Bouché Leclercq, elle não reconhece bastante o laborioso trabalho, o gosto severo e sem capricho a que é devido esse accorde harmonioso. Pensamentos modernissimos, aspirações sem termos, soffrimentos sem nome, tudo encerra-se em linhas simples e puras. É uma estatua do Desespero talhada por cinzel grego n'um puro troço de mármore de Paros.

Todas as obras importantes de Leopardi, em verso ou em prosa, estão representadas nesse livro, quer por analyses claras e finas, delicadas e vigorosas, quer por longas citações, cuja tradução é ás mais das vezes singularmente feliz. Eis ahi o melhor retrato que se pôde traçar do poeta: para esse forneceu elle proprio todas as feições; mas era ainda preciso um discernimento apuradissimo para colhê-las nas suas obras philosophicas, nos seus poemas, na sua correspondencia, e muita habilidade para pô-las por obra. Era preciso tambem que houvesse no pintor, como houve, uma sympathia profunda, que nunca o abandonou e que, como elle próprio o declara, vota-se em parte ao seu modelo e em parte á Itália.

Entre os dotes que distinguem a penna simples e desembaraçada do sr. Bouché Leclercq, um ha que não posso deixar de assignalar, e que convinha maravilhosamente n'um estudo que tem por objecto um poeta. É uma surpreendente abundancia de imagens engenhosas e vivas. Não não sómente para o seu estylo um ornato rico e variado: tornam-se para elle, cousa surpreendente! instrumentos de exactidão. Tornam sensiveis os mais fugitivos matizes dos pensamentos mais abstractos, dos mais delicados sentimentos; fixam as mais finas observações, abrem margem aos arrosos e os attenuam, esclarecem o raciocínio; é realmente difícil imaginar mais intima alliança da imaginação e do espirito.

Com as suas imagens assim espalhadas a mancheias, as suas elegantes periphrases, as suas allusões discretas e rapidas, as suas comparações artisticamente empregadas, essa engenhosa linguagem teria o direito de tomar a devisa do satyrista latino:

Odi profanum vulgus et arceo.

Não ousou censurar isso ao auctor, com medo de ser também incluído na multidão profana. Cuide elle entretanto de recordar-nos tambem este outro verso de Horacio:

Pane egeo, mellitis jam potiore placentis.

Será isso um defeito? Não sei; mas, certamente, não será para muitos um merecimento.

Eu desejára, mas é pedir muito, vêr muitas monographias, como a que nos acaba de dar o sr. Bouché Leclercq, e desejo ardentemente que nos dê outras. Obras desse genero far-nos-hinm conhecer exactamente, e de modo muito agradavel, os auctores estrangeiros. Certamente póde-se conceber e executar de outro modo um estudo a respeito de Leopardi, mas, posto que o trabalho seja possível, será, de hoje em diante, ousadia tentá-lo.

Um Canto de Leopardi²

Lafayette de Toledo

Nas *Recordações*, disse Leopardi ter mais vezes desejado a morte que cantado a si mesmo, em seu louvor, o funéreo canto. Mas a natureza mostrou-se surda aos desejos do poeta; e o canto funéreo se foi, a pouco e pouco, acabando numa triste elegia. Vieram-lhe ao menos todos os sonhos da glória, toda a fé no futuro, toda a esperança no bem. Encontrou a Natureza indiferente a seus males; a mulher indiferente a seus amores; os homens *traidores* e *velhacamente malvados em tudo*³. Por tal motivo recolhe-se elle ainda uma vez a si mesmo, estuda o seu pathos e guarda amargamente a palavra no coração. Esconde assim as considerações profundas sobre o seu *eu*; esconde, de certa maneira, os colloquios intimos nos quaes se desvenda um mundo todo de segredo.

O canto *A se stesso*, que poderia ser o final da poesia leopardina, apparece ligado áquelle genero de cantos lyricos em que a mente do autor, senhora de si, não teme penetrar nos mysterios da alma, procurando, para a si dizer, surprender o segredo do sorriso e do pranto. Esta pequena poesia parece ter sido escripta de 1831 a 1833, quando mais lhe falava no coração o desejo da morte, consequência da doença que o affligia e o molestava de continuo, e não dá philosophia, porque desta já se *desenganára*⁴.

Para Jacob era também o amor *ultimo engano de nossa vida*⁵. Estava sem ver a esperança renascer nem vira em Florença aquella Aspasia que colhêra seu suspiro e seu tormento, a quem escreveu cartas que hoje conserva, creio, o senador Marco Tabarrini. Elle, desejoso de amor, vivia sem amor.

Não sómente lhe falta a esperança, mas também o desejo dos bellos enganos:

Ben sento

In noi di cari inganni,
Non che la speme, il desiderio é spento.

² Texto extraído de *Almanach de Juiz de Fora: Publicação Commercial, Industrial, Agrícola e Literária*. Juiz de Fora, 1898, p. 73-76.

³ *Epist.*, vol. II, lett. 523 e *Pensieri* I, 30, 48, 49 e 109.

⁴ *Appendice all'Epistolario*, 83.

⁵ *Ad. Angelo Mai*, estancia 9, verso 9.

Seu coração muito amou e muito sofreu, quando a terra não continha cousa alguma digna de sua emoção e de seus suspiros.

A amargura desta palavra encontra explicação ao conforme passagem do *Dialogo della Natura*:

“A excellencia da alma implica maior intensidade de sua vida, a qual importa maior sentimento da infelicidade propria, que como se eu dissesse—completa infelicidade.” E logo: “Tudo é mysterio no universo, de onde a nossa desventura.”⁶ Mas o poeta sente-se grudado á terra, embora seu engenho libre, com altíssimo vôo, no céu azul dos sonhos, irradiando á luz do idéal. Para elle tudo falta, como canta no *Risorgimento*:

I dolci aflanni, i teneri
Moti dei cor profondo,
Qualunque cosa al mondo
Grato il sentir si fa.

Também Wolfgang Goethe, nos momentos de negra melancolia, calava a voz do coração e guardava-a em repouso perpetuo. Nelle, porém, taes momentos eram fugitivos; e a facilidade com que passava de um a outro amor prova evidentemente a pouca força de sua paixão e de seu soffrimento. Assim, por exemplo, á senhora de Stein, conhecida em Weimar em 1775, escrevia elle em setembro de 1783, sobre a janella de uma casa de campo, próxima a Ilmenau, os seguintes dous versiculos:

Vedi, la pace
segna ogni vetta,
mentre l'auretta
fa l'alte foglie a pena sussurrar.
Nel bosco tace
l'augello. Aspetta
un poco, aspetta
e potrai similmente riposar.

O *lied*, porém, do poeta allemão não contém este singelo pensamento; *Riposa la Natura, riposerai anche tu, o cuore*: o canto de Leopardi contém um gemido doloroso e mal reprimido contra o facto que lhe deu, não a felicidade, mas a morte⁷. E ao poeta que tinha a alma *elevada, gentil e pura*, no mundo parece uma verdadeira lama:

Amara e noia
La vita, altro mai nulla; e fango è il mondo.

⁶ *Opere*, col. III, pag. 257.

⁷ *Il Risorgimento*, 31.

Para amar a vida é preciso viver, o que vale dizer—agitar-se e agitar: a inércia é a morte, especialmente para as almas grandes e ardentes, como a de Jacob. Disse elle uma vez no *Dialogo de um físico*: “A vida deve ser viva, isto é, verdadeira vida: ou a morte, incomparavelmente, supera-a de prestígio.” Quanto ao mundo, pois, ou mostra-o á irrisão com fina ironia, ou, cheio de bilis, farpeia-o com ferro em brasa⁸. Desdenha de interrogar a Natureza com a audacia do sabio, após a haver contemplado com o sentimento do artista; desdenha de fazer indagações subtis com a calma paciente do physico e do geologo, depois de elle proprio ter sentido as emoções e os doces enganos⁹. Assim, vencido, a pouco e pouco, pela dor, acata-a irreverente, sem o sagrado horror dos antigos, com os olhos accesos de sarcasmo. Assim, convida o coração a desprezar primeiramente a si proprio, depois a Natureza, a sorte inelutável, a vaidade de tudo:

O mai despreza
Te, la natura, il brutto
Poter, che, ascoso, a comun danno impera
E' l'infinita vanità de tutto.

E' o gemido rouco que se transforma num grito sublime. Póde dizer-se de Jacob o que dizia Victor Hugo de Humberto Galloix:

“Quelque fois à force de souffrir, le poète devenait un homme, son élègie une confidence, son chant un cri alors, c'était beau”¹⁰.

A virtude, da qual, no fim do canto V dos *Paralipomeni della Batracomiomachia* havia dito:

Bella virtù, qualor di te s'avvede,
Come per lieto avvenimento esulta
Lo spirito mio,

agora lhe fugiu inteiramente da alma. Jacob, ao menos, tem perfeitos todos os orgams do cerebro e é dotado da rara faculdade de ver bem longe as cousas, considerando-as em seus múltiplos aspectos, em suas infinitas relações. Não é isso nelle nem blasphemia, nem sarcasmos. E' um scepticismo superior ao de Montaigne; é uma ironia mais fina que a de Heine quando escrevia que, como a pedra philosophal, não encontrára no mundo amisade, nem amores. O pessimismo de Arthur Schopenhauer é de *convicção*; o de Leopardi, pelo contrario, é de *convenção*. E aqui observa Caetano Trezza em sua *Critica moderna*: “Também nós somos scepticos, mas diversamente, e, de uma certa maneira, mais e menos do que elle. *Mais scepticos do que elle*, porque para nós o sêr resume-se numa peregrinação eterna, sem outro fim a revelar-

⁸ *Epist.* vol. I, lett. 140 e *Opere* I. pag. 221.

⁹ *Il Risorgimento*, 28.

¹⁰ *Litterature et Philosophie mêlées*, II, pag. 61.

se; *menos scepticos do que elle*, porque cremos na hereditariedade a vida que se transmite de cerebro a cerebro, converte a força material dos orgams em força de espirito, creando o progresso infinito, que parece infinita vaidade.” Mas o scepticismo de Leopardi revela-se moralmente, não scientificamente.

A civilização póde caminhar muito nas sciencias; na virtude, não. Leopardi não vae, unido a Feuerbach, a Leroux e a Bruno Bauer, seguir, a seu modo, a escóla de Hegel, que veiu fundar o culto da humanidade sem moral. Não. Leopardi é philosopho e poeta, porém mais poeta que philosopho, e Trezza, com aquellas palavras, mostra não comprehender bem a sua indole.

Como Salomão, considera tudo vaidade e tormento do espirito. Como o rei de Israel, porém, não tinha, nem podia ter fé num futuro de além-tumulo, onde se vivia em paz e soffra-se em silencio; não tinha, nem podia ter os meios de deixar as negras tristezas e o tédio entre os braços e os seios de uma turba enorme de concubinas. Não era pantheista: era racionalista; se a Razão aconselhava, o coração commovia-se. O sentimento vencia a vontade. O desdem morria no pranto, a blasphemia num lamento, o idyllio numa elegia. E morria consolado, porque as forças daquelle talento não eram para um corpo débil, doentio e soffredor. Faltava-lhe aquella galhardia propria dos espíritos titanicos e ardentes que combatem a batalha aspera da vida para poderem um dia firmar-se na terra, vigiando perpetuamente a verdade. A terra não a achava elle “digna dos seus suspiros” e por isso desejára naufragar com o pensamento no mar do infinito.

Leopardi¹¹

Carlos Magalhães de Azeredo

I

Ao escrever o nome de Leopardi, que brilha hoje luminosíssimo de gloria italiana e universal, eu não posso ainda, apesar dos esplendores festivos da sua apothéose, defender-me da angustiosa impressão que me causa a lembrança d'esse grande homem, da sua vida, do seu destino. Por que, realmente, desde que no mundo nasceu a dor com a existência, não houve entre os filhos misérrimos de Adão outro mais infeliz que esse. Nem o bíblico Job raspando as suas chagas com, fragmentos de telha, nem aquelles a que a crueldade oriental vasava os olhos ou arrancava a Língua, nem os que em Roma eram arrojados ás gemonias, nem os que na idade média soffriam o supplicio da gotta d'agua ou as torturas do borzeguim, nenhum d'esses padeceu mais que o desgraçado Poeta, que espantou e commoveu o século com os lúgubres lamentos do seu desespêro. Leopardi encarnou como poucos o typo do versículo sacro:

Homo natus de muliere,
Brevi vivens tempore
Replectur multis miseriis.

De tal modo o formou a Natureza, de tal modo o completou o mundo, que elle nos apparece como um d'esses antigos Predestinados, que marcava irrevogavelmente o sêllo fatídico, e que tinham, não só o dever, mas a propria vocação do soffrimento. Byron nunca pôde perdoar á sorte o tel-o feito coxo de nascença; era, entretanto, bello como um anjo rebelde, e rico, e tão forte que atravessou a nado o Hellesponto, e tão seductor que teve um cortejo de mulheres semelhante ao de Don Juan. Conheceu os prazeres em toda a sua vária intensidade; e se, aborrecido d'elles, quiz morrer na Grécia por uma nobre causa, foi por ter comprehendido que o seu genio, para a prova suprema da posteridade, precisava lavar-se das máculas da orgia em um baptismo de sangue generosamente derramado. A doença o levou antes da batalha; e essa foi talvez a maior das suas de-cepções... Giacomo Leopardi, contemporaneo do nobre lord, nascido no palacio da sua illustre familia em Recanati, em época de tristezas para os seus e para a Italia, teve desde criança índole reflectida e séria, e, como elle mesmo disse, muito

¹¹ Texto extraído do *Jornal do Commercio*, de 25, 26 e 27 de dezembro de 1898.

propensa á melancolia. Assombro-samente precoce, depois de curtíssima infancia, passou encerrado na bibliotheca paterna, em austeros estudos, os annos que os rapazes passam de ordinario ao ar livre, em livres exercicios que robustecem os músculos, sem prejuízo da instrucção adquirida a pequenas doses. Mas o campo, o sol pouco o attrahiam então; entoxicado prematuramente por uma curiosidade insacivel, só pen-sava em ler, em investigar, em saber. E quando á noite, exausto do trabalho, se recostava á janella aspirando a frescura que subia dos jardins, e acompanhando com a vista o lento curso dos astros no firmamento, o espectáculo da noite silenciosa e indefinida lhe causava um enternecimento excessivo, em que já havia algo mór-bido. Elle o revela em *La sera del dí di festa*, compa-rando o somno tranquillo da mulher amada com a sua inquieta vigilia:

Nella mia prima età.....
..... alla tarda notte
Un canto che s'udia per li sentieri
Lontanando morire a poco a poco,
Gia similmente mi stringeva il core.

Ainda mais violenta impressão se traduz em uma carta que elle escreve com vinte e dois annos ao seu illustre amigo Giordani: “Uma d’estas noites, antes de deitar-me, aberta a janella do meu quarto, vendo um ceu puro, um bello raio de lua, ouvindo uma brisa tépida e uns cães que ladravam ao longe, despertaram-se-me certas imagens antigas, e me pareceu sentir um choque no coração, de tal maneira que me puz a gritar como um doido, pedindo misericórdia á Natureza, cuja voz me parecia escutar após tanto tempo...”

Quando os homens na sua maioria começam apenas a lançar as bases da própria individualidade, elle já tem o espírito plenamente formado e emancipado; a sua cultura é vastíssima, nada das grandes obras clássicas lhe é extranho, e interessam-no também os poetas e philósopbos modernos. Quasi menino, compõe um tratado sobre os *Erros populares dos antigos*, que prova, alem de raro talento, madureza de idéas ainda mais rara em tal idade.

Mas, em compensação, os longos esforços mentaes, sem o contrapeso da actividade phísica, bem depressa lhe destroem para sempre a saude. “Arruinei-me — confessa — com sete annos de estudo louco e desesperadíssimo, no tempo em que se me ia formando e se me devia consolidar a compleição. E arruinei-me infeliz-mente e sem remédio para toda a vida, dando-me aspecto miserável e desagradabilíssimo a toda aquella parte do homem que é a única em que reparamos mais d’elles... e não somente a estes, mas a quem quer que seja, ó força desejar que não falte á virtude certa graça exterior, e encontrando-a sem nenhuma, tem-se tristeza, e, por lei da natureza que nenhuma sabedoria pode vencer, quasi não se sente coragem de amar o virtuoso em que nada é bello senão a alma. Esta e outras míseras circumstâncias poz

a fortuna na minha vida, dotando-me de tal sagacidade a intelligencia para que eu as visse claramente e conhecesse o que sou, e o coração para que este soubesse que lhe não convem a alegria, e, como vestido de luto, tomasse a melancolia para companheira eterna e inseparável...”

E’ afflictivo seguir no epistolario de Leopardi e no dos amigos e parentes a historia das suas enfermidades, cada vez mais graves e cruéis. Débil e mesquinho corpo, habiláculo de uma alma desejosa de acções grandes, e sempre dolorida por que os órgãos impotentes não lh’as permittem... A neurasthenia, effeito principalmente dos excessos de trabalho cerebral, o empolga bem de-pressa para nunca mais o largar. Basta a mais ligeira imprudência, no seu regimen rigoroso, para causar-lhe perturbações sérias, tão fraco é o seu estômago, tão fracas são as suas vísceras todas. Um golpe de ar, um raio de sol o prostram, as temperaturas extremas lhe são funestas; quer no verão, quer no inverno, ella está quasi sempre mal; só na primavera e no outomno lhe volta, com alternativas mais ou menos bruscas — quando lhe volta — uma relativa saude... A’s vezes inflammam-se-lhe os olhos de tal modo que durante mezes a fio lhe é impossível escrever ou ler duas linhas; outras vezes o organismo inteiro lhe cahe em um desfallecimento tão profundo que não resistiria ao esforço mais infantilmente pequeno; e eil-o condemnado a uma reclusão absoluta, a um ocio forçado e penosíssimo, com a mente cheia de imagens e ideas, mas sem a apti-dão physica precisa para as aproveitar literariamente.

A sua existência é de uma austeridade ascética por necessidade; quem comprehende Leopardi a fazer, por um dia sequer, vida de rapaz, vida alegre? Elle se conhece, e diz: “O menor prazer me mataria...” Ora, se é nobre e bello vencer por virtude a natureza, é duro ver que ella própria nega a um ente superior a banal robustez muscular de qualquer homem commum.

Mas o que mais o consterna, a elle, poeta e pensador de altas ambições espirituaes, é a difficuldade crescente de trabalhar; os livros, a formosa harmonia dos versos, as creações da arte, os ensinos da história, as investigações da philosophia e da philologia, os mágicos encantos que offerece aos iniciados a religião serena das ideas o consolariam de muitos desgostos, lhe revestiriam a alma de uma salutar indifferença pelas cousas vans e passageiras... Mas quando esse mesmo refúgio falta, a vida se reduz a “tedio e pena”... Nas suas cartas elle se queixa d’isso a cada instante.

E’ nos intervallos:— nem sempre tranquillos — das longas enfermidades, que busca recuperar o tempo per-dido, estudando e escrevendo... Por isso aquellas páginas magistraes, realmente concebidas na dor, ainda maior respeito nos devem inspirar.

Cada anno que passa mais precária e vacillante lhe torna a saude. Antes dos trinta, já nada lhe resta do aspecto juvenil; semelha um velho, um quinquagenario; é o que vemos nos

seus retratos do natural, e nos bustos feitos depois da sua morte, como no recente e magnífico do glorioso escultor Giulio Monteverde. E o rachitismo não só lhe dá aparência senil, mas o deforma. Essa dupla corcunda, que desde rapazinho o expunha aos molejos dos garotos em Recanati, e mais tarde lhe attrahiu remoques cruéis de uma mulher querida, de quantos supplícios íntimos, de quantas humilhações amargas lhe foi causa! Ser homem de genio e ser aleijado! Possuir na intelligencia as faculdades que cream as cousas mais bellas, e, não podendo com ellas modi-ficar a matéria, ter de arrastar o corpo como um sambenito ridículo, como invólucro brutesco de mal amassada argilla!...

Para redobrar o pêsso de tal infortúnio, tinha Leopardi aquella sensibilidade excessiva e anormal que tantas vezes o levou a invocar a morte, única que o podia libertar das cruciantes enfermidades e das angústias infinitas... Hyperesthesia não menor no moral que no physico.

Honesto eterno, o coração doia-se de qualquer injus-tiça, de qualquer ingratição; e a vontade, naturalmente indecisa, peiada ainda pela falta de acção exterior e pelo abuso da analyse especulativa, se reconhecia desarmada para as lutas da vida, e ante a necessidade de uma resolução, mesmo secundaria, envergonhava-o com as suas vacillações irremediáveis...

Um homem assim organizado só chegaria a ser relati-vamente feliz — absolutamente não o seria nunca — se o rodeasse desde a infancia um conluio de carinhos intelligentes e dedicados, dispostos a poupar-lhe os motivos mínimos de contrariedade. Leopardi não teve essa ventura.

Que apoio seria para elle um cáldo amor de mãe! Mas a mãe do Poeta — senhora austera, de character inflexivelmente enérgico, — tinha os defeitos das suas qualidades, mais varonis que femininas. Era d'essas que se guardam ciosamente de qualquer fraqueza, e consideram fraqueza a ternura. Nella dominava só a razão, fida e rígida; com a razão dirigia Donna Adelaide Antici todos os da familia e da casa, começando pelo marido; com a razão, lendo a seu serviço um duro regímen de economia, tratava de reparar as perdas graves do património doméstico. Nada doce e compassivo, sympáthico e attrahente, na sua virtude; na sua religião, profunda mas estreita, nenhum d'aquelles impulsos de affecto transbordante em que a alma busca o seu Creador como a fonte da misericórdia e da indulgência infinita: em vez d'isso, uma severidade sêca e quasi fanática. A irman querida de Leopardi escreve a respeito d'ella: “Entre os outros motivos que tornaram tão triste a minha vida e estancáram em mim os mananciaes da alegria e da vivacidade... um é ter em mamãe uma pessoa ultra-rigorista, um verdadeiro excesso de perfeição christan, que não podeis imaginar qual dose de severidade ponha em todos os pormenores da vida doméstica”. E o proprio Poeta provavelmente pinta sua mãe naquellas páginas impressionadoras dos *Pensamentos*; era ella a matrona que não

compadecia, mas invejava os pais que perdiam seus filhos na infância, e, se nos seus próprios via signaes de morte próxima sentia um júbilo profundo; que considerava a beleza uma desventura, e agradecia o Deus, não por heroísmo, mas por espontânea vontade, os filhos que tinha feios ou disformes... Carducci, no seu magnífico livro recente, cita um facto bem proprio para confirmar essa idéa: que Zamboni, liberal italiano, em 1847, dez annos depois de morto Leopardi, indo visitar com veneração a sua casa em Recanati, e entrando no quarto onde elle nascera, viu ahi a mãe do Poeta, “magestosa, austera, de cabellos branquíssimos.” Então, narra elle, exclamei com entusiasmo, mostrando um retrato de Giacomo: “Bem aventurada aquella que te concebeu!” Mas ella não se alterou... E só, levantando os olhos ao ceu, exclamou: “Deus lhe perdoe!” — “Não ha dia, — ajunta Zamboni, — em que de tal me não lem-bre com terror.”

No Conde Monaldo, seu pai, certamente mais terno de coração, podia Leopardi encontrar um amigo seguro. O affecto que os unia era sincero e recíproco. Muita semelhança de gostos os aproximava; ambos eram intellectuaes, apaixonados por letras e philosophia, e embora o genio do filho tenha relegado á sombra das obras de um dia os escritos de Monaldo, alguns d’elles são dignos de nota pela originalidade dos conceitos e pela riqueza da doutrina. Mas, alem das desigualdades de humor, dos caprichos imprevistos de temperamento, communs a ambos, havia, em contraste com aquella semelhança de gostos, um antagonismo de opiniões e tendências que o tempo, tornando o velho com a rabugice dos annos mais teimoso, o moço com a audacia crescente da juventude mais senhor do si, só podia augmentar e aggravar. Postos pelo destino em um desses períodos históricos de transição — quasi de ruptura — em que o caminho da humanidade se bifurca bruscamente, a diversidade das ideas os obrigava a tomar direcções oppostas. Podiam separar-se docemente, sem discussões inuteis, trabalhando cada qual por seu lado; unidos pela cordialidade dos sentimentos, viveriam em paz, evitando, como se faz tantas vezes entre amigos, tocar nos pontos de divergência. Mas aquelle era um momento de áspera luta; a tolerância, na sociedade convulsionada desde a Revolução, era difficil ainda. E Monaldo, que aprendera com a mulher a ser autoritário, não se limitava a sustentar as suas opiniões: queria impôl-as no filho.

Queria, sobretudo, mantel-o em condições de dependencia perpetua, por que assim comprehendia e exercia o pátrio poder, nos moldes da legislação antiga. Era, de facto, antigo em tudo: detestava cruamente quanto se chamasse moderno; ora, o Poeta — que professava aliás um verdadeiro culto pelos monumentos de genio antigo, e na forma foi, realmente, entre os escritores deste sé-culo um dos mais clássicos — tinha a alma profunda-mente moderna, alistava-se, nos combates de então, en-tre os soldados do futuro, preferindo o aneio d’elle, com todas as suas indecisões, com todos os seus perigos, á immovel adoração do passado. De

tal desharmonia nasceram os frequentes conflitos que a ambos enveneram a vida, e que, sem extinguir o mútuo affecto, o arrefeceram muitas vezes. Eu creio que, como nos diz o Sr. Giovanni Mestica, em uma conferencia commemorativa, elles sempre se quizeram extremosamente; mas não tão tranquillamente como da leitura d'ella se poderia deprehender. Mesmo, se tanto insisto nessas desavenças, é por que ellas foram para Leopardi uma das causas mais graves de soffrimento. Monaldo orgulhava-se do filho, considerava-o o primeiro literato da península; mas exercia sobre as suas idéas, sobre os seus actos, uma fiscalisação rigorosa e incommoda, como se elle fosse eternamente criança; e quando o seu nome já resoava em clamores de celebridade pela patria e fora della, ainda o submettia a uma verdadeira escravidão em Recanati, negava-lhe dinheiro para as despezas mais necessárias, mexia-lhe nos papeis e nas cartas, inter-vinha nos seus negócios com os editores, chegando a escrever a um d'esses para prohibir-lhe que reimprimisse os já famosos versos *A' Italia*. Vede que situação intoleravel para um character altivo como o de Leopardi, que se recusava a pedir, e não tinha sequer a liberdade de ganhar a vida por si, pois um déspota bem intencionado, mas nem por isso menos duro, tentava aprisionar-lhe o proprio genio.

Revoltado, elle planeou fugir de casa para sempre; e quando mais tarde pôde enfim sahir de Recanati, temia como infernal martyrio a necessidade de morar outra vez lá. No lar sombrio, dois corações o sabiam amar, dous espíritos o comprehendiam: seu irmão Carlos e sua irman Paulina.

Mas eram almas gêmeas da sua, atormentadas lambem pela nevrose e pela dúvida e pela melancolia; partilha-vam as suas dores, não as podiam curar. Eram como duas âncoras que prendiam a nau do seu destino no oceano da vida, não quietas e solidamente cravadas no fundo, mas sacudidas a cada instante por frémios de correntes submarinas e choques pavorosos de caclysmos...

Se a casa paterna lhe parecia estreita, a cidade natal, essa, lhe era odiosa. As suas invectivas contra Recanati são violentas como as de Dante contre Pisa, “vitapero delle genti”. Recanati uma cidade pequena; meio-termo particularmente hostile a homens de alto engenho, sem a liberdade do campo nem a dos grandes centros, faltando-lhe, diz o proprio Leopardi — “os encantos da sociedade cultas e as vantagens da vida solitaria.” Em taes povoações não ha evitar tagarelices, intriguinhas, maledicências tolas, por que a vida de cada um é assunto forçado para todos, e nem o mínimo facto passa despercebido. Além d'isso, a opinião pública ahi é mesquinha atrazada, com mil preconceitos de aldêa. Um espírito, superior fica sempre incomprehendido, e soffre uma implacável *guerra de alfinetes*. Assim, Leopardi, para a maioria dos seus conterrâneos, não é o excelso Poeta, o Philósopho audaz e original; é o rachítico, é o

aleijado, e sobre a sua giba se despenham, como bichos máus de dentes anavalhados, as sátyras mais cruéis.

Elle acerbamente se queixa: “Eu aqui estou ridiculisado, cuspidado, escouceado por todos, passando a vida inteira em um quarto...” “Ninguém se dignará crer-me seu igual; mas desprêzos e escarneos só espero, e recebo de quantos vejo e trato...”

Offendido, vinga-se com a penna: “Não conhece de certo Recanati – escreve a Brighenti - mas saberá que a Marca é a mais ignorante e inculta provincia da Italia. Ora, por confissão mesma de todos os Recanatenses a minha cidade é de toda a Marca a mais inculta e morta...” “Cada dia me parece mil annos emquanto eu não fugir d’esta immunda cidade, onde não sei se os homens são mais asnos ou mais tratantes, sei que lodos são uma e outra cousa...”

E ainda, nos versos de *Le Ricordanze*:

Nè mi diceva il cor che l’età verde
Sarei dannato a consumare in questo
Natio borgo selvaggio, intra uma gente
Zotica, vil, cui nomi strani, e spesso
Argomento di riso e di trastullo,
Son dottrina e saper.....

Havia nisso exageração de repugnância e despeito? havia sem dúvida, embora razão houvesse também; Recanati, se o feriu a principio, reparou mais tarde o êrro, e entre outros testemunhos de apreço, lhe deu o de elege-lo seu representante na Assembléa das Províncias Reunidas em 1831. A carta com que Leopardi respon-deu a essa escolha annullou virtualmente, pelas suas expressões de gratidão affectuosa, todas as diatribes anteriores.

Mas a verdade é que em parte nenhuma elle se podia sentir bem. O seu temperamento, como de muitos nevropathas, tinha por base um incontentamento perpetuo e um anhelos insaciável de mudanças.

O que estava ao alcance da mão era sempre desdenhavel e aborrecivel; bello e digno do desejo só o bem ausente, que a imaginação aformoseava sem o attingir... Nem Roma, a veneranda, nem a deliciosa e edénica Florença, nem a estudiosa Bolonha, nem a docemente melancólica Pisa, nem a sempre activa Milão, nem Nápoles, risonha, foliona e graciosamente epicurista, con-seguiram encantal-o e prendel-o; com igual ardor sus-pirava por ellas, e uma vez conhecidas, as repudiava.

De resto, a Italia toda, a Patria que elle chamava mãi, Leopardi a queria muito outra do que era então, e ao contemplal-a, escrava manietada, carregada de ferros estrangeiros, sobre as ruínas da sua grandeza, os olhos se lhe marejavam de prantos, a garganta se lhe afogava em

soluções e imprecações. Nasceu e cresceu menino durante as invasões e o domínio dos Francezes, soldados da República primeiro, depois do Império; e ainda a Italia não se levantara completamente d'aquella servidão, quando outra peor — a dos Austríacos, então seus inimigos naturaes, que ainda hoje conservam um resto de território irredento — veio affligil-a e humilhal-a. E nos Estados, onde os Italianos tinham pelo menos autonomia política, as idéas liberaes, que o Poeta cordialmente professava, eram perseguidas por subversivas, e felizes os seus propagadores quando não cahiam nas garras de príncipes, que, como os Bourbons das Duas Sicilias, no pesadelo de terror se cevavam em ferocidades de Cláudio...

Então, lampejam-lhe deslumbradoras na mente as glórias do Passado — a soberania romana, as lutas victoriosas pela primeira formação da nacionalidade, a supremacia artística e commercial da Renascença, tudo o que fez da Patria a educadora dos povos modernos; e o Poeta - moço de vinte annos apenas - exclama:

O patria mia, vedo le mura e gli archi
E le colonne e i simulacri e l'erme
Torri degli avi nostri,
Ma la gloria non vedo,
Non vedo il lauro e il ferro ond'eran carchi
I nostri padri antichi. Or fatta inerme,
Nuda la fronte e nudo il petto mostri.
Oimè quante ferite,
Che lividor, che sangue!
.....E questo è peggio,
Che di catene ha carche ambe le braccia;
Si che sparte le chiome e senza velo,
Siede in terra negletta e sconsolata,
Nascondendo la faccia
Tra le ginocchia, e piange.
Piangi, che ben hai donde, Italia mia,
Le genti a vincer nata
E nella fausta sorte e nella ria.

Pergunta quem a reduziu a tal miséria; ninguém há então que a defenda? Elle ao menos quer batalhar por ella:

L'armi, qua l'armi; io solo
Combatterò, procomberò sol io.
Dammi, o ciel, che sia foco
Agl'italici petti il sangue mio.

Ah! compondo taes versos (e quantas vezes depois ao relel-os!) deve elle ter pensado na ironia do destino que, accendendo-lhe no peito um patriotismo de chamma voraz, lhe negou até a robustez precisa para sustentar ao hombro uma espingarda, e marchar com ella para o campo! Não, elle jamais poderia ser nem soldado raso em defesa da Italia. Era inválido de

nascença — e como se vê no *Dialogo entre Tristão e um amigo*, “quem tem o corpo débil não é homem, é menino, peor ainda; por que a sua sorte é estar vendo os outros que vivem ... mas a vida não é para elle...”

Onde combater, aliás? Leopardi bem sabe que os Ita-lianos seus coevos vão expôr-se á morte nos campos de batalha, não pelo seu paiz, mas pelos estrangeiros.

O numi! o numi!
Pugnan per altra terra itali acciari.
O misero colui che in guerra è spento,
Non per li patrii lidi e per la pia
 Consorte e i figli cari,
 Ma da nemici altrui,
Per altra gente, e non può dir morendo:
 Alma terra natia,
La vita che mi desti ecco ti rendo.

Mais felizes — pensa — foram as legiões da Thessalia que avançaram contra os Persas e os derrotaram, sal-vando a integridade do solo grego. Mais feliz que elle foi Simónides que immortalisou taes heroes nas suas estrophes.

Mais feliz tambem o velho Dante, o pai sobre cujo monumento Leopardi escreveu tão grandioso hymno.

Beato te che il fato
A viver non dannò fra tanto orrore;
Che non vedesti in braccio
L'itala moglie a barbaro soldato.
.....
Padre, se non ti sdegni,
Mutato sei da quel che fosli in terra.

Ah! se elle tivesse nascido em outras eras, que a fantasia nos representa mais nobres e perfeitas, por isso mesmo que não podem tornar? E' um sentimento commum em poetas; em Leopardi, sobretudo, arraigado como parte integrante do seu ser.

O Italiano, por orgulho, quando vultos como Alighieri e Petrarca lhe falam de grandezas que elle já não en-contra nem espera, se refugia na lembrança dos “tempos envoltos em somno eterno”. O artista, aborrecendo a vulgaridade do presente, ergue a voz com um ímpeto de revolta para o cavalheiresco Tasso, “cantor delicioso das armas e dos amores”, chora a perda de tanta cousa fidalga que “em idade muito menos triste que a nossa, enchera a vida de illusões ditosas.” Que harmonia musical e aristocrática elegancia a nestes versos:

.....O torri, o celle,
O donne, o cavalieri,
O giardini, o palagi! a voi pensando,
In mille vane amenità si perde
La mente mia. Di vanità, di belle

Fole e strani pensieri
Si componea l'umana vita: in bando
Li cacciammo: or che resta? or poi che il verde
È spogliato alle cose? Il certo e solo
Veder che tutto è vano altro che il duolo.

Esta é a conclusão do seu patriotismo, como é a de toda a sua philosophia. Elle não nutre a cívica e sagrada confiança no futuro, que Monti e Ugo Foscolo mantém mesmo nas mais ásperas diatribes contra a decadência da patria: muito menos a fé providencialista de Manzoni que, na renascença do seu sentimento religioso, sabe que a história está cheia de resurreições, não só de indivíduos, mas de povos, porque Deus *sanabiles fecit nationes*. Até na rude e quasi selvagem cólera de Alfieri ha germens visiveis de esperança; mas em Leopardi tudo conduz ao desânimo... Se, no canto dedicado á irman dilecta que se vai casar, lhe recommenda que com exemplos fortes eduque a prole, não lhe esconde o dilemma em que, a seu ver se resume o porvir:

O miseri o codardi
Figliuoli avrai. Miseri eleggi.

Surgem nesse fundo sombrio vislumbres intermitentes e fugitivos de fé patriótica; mas não annullam, antes mais realçam pelo contraste o desalento dominante, que é a nota leopardiana por excellencia. Quem lh'o reprochará? Tudo lhe faltou na terra. Uma coisa única o poderia salvar: o amor. Elle bem o sabia; e o seu coração, transbordante de affectos mal contidos, estava prestes a entregar-se-lhe sem reservas.

Mas do amor, como do resto, elle só provou o soffrimento.

A vida íntima de Leopardi tem sido esquadrihada, talvez com excessos de indiscrição, pela curiosidade de documentos pessoais, que pertence aos costumes da nossa época. Um dos pontos de discussão entre os seus biógraphos mais ou menos críticos, é se o Poeta amou realmente mulheres determinadas, ou platonicamente amor a mulher ideal, encarnando por uma ficção transitória esse typo superior em várias das mulheres que lhe atravessaram a existência. Caso profundo de psychologia e metaphysica, que se me affigura insolúvel. Melhor fôra porventura, não o suscitar: e sem investigações de quasi policial minúcia, gosar simplesmente em toda a sua elegiaca formosura os hymnos adorativos e as palinodias dolorosas que o eterno feminino lhe inspirou. Entretanto, para ser sincero, confessarei que as revela-ções sobre o Poeta (*homo sum...*) me interessaram sumamamente, e eu as li com delícia; primeiro, por que nada de uma alma — e que alma! — me é indifferente; depois, por que aqui os episodios têm um sabor de romantismo sobrio, e nada banal. Demais, eu pude tomar conhecimento dos factos sem perigo para a inteireza do meu prazer esthético;

por que, depois de os examinar como antes, eu sei considerar as estrophes amorosas de Leopardi em todo o seu valor, não como mera expressão de um sentimento individual, mas como expressão definitiva de um estado de alma. Com outros não succede o mesmo; e esse é o motivo por que a crítica em geral, se quer, não matar, mas revelar a vida nas suas manifestações intellectuaes, tem de ser muito cautelosa, quando analysa uma obra artística. Sim, cuidado, que á força de a decompor, de lhe buscar as origens, de a ligar a incidentes particulares, de lhe esmiuçar e subdividir os clemen-tes constitutivos, não a destrua, aniquilando-lhe o prestígio da essencia e o poder de suggestão... Tal escolha nem sempre evitaram alguns biógraphos de Leopardi.

Seja como for, o estudo da sua vida demonstra que no amor encontrou elle uma fonte de desgraça, e que nos seus versos não ha o diletantismo imaginativo de quem faz variações sobre um thema literário, mas as queixas de quem expõe as lições que da própria experiencia aprendeu. A primeira mulher que o conquistou foi, dizem, Gertrudes Cassi, sua prima, radiante de mocidade e belleza; passou alguns dias com a familia do Poeta em Recanati, e elle, então pouco mais que adolescente, sentiu-se como fulminado pelo esplendor d'aquella visão. Nada lhe revelou do seu coração, como nada revelou a nenhuma outra das que mais tarde lhe mereceram equal ou semelhante culto. O seu amor foi sempre mudo, como um monge de São Bruno, mudo por timidez invencivel, por invencível orgulho. Não só cerrava os lábios, mas velava os olhos; e se alguma vez a perspicacia feminina lhe adivinhou o segrêdo, foi contra a sua vontade. Elle sabia que não podia ser cor-respondido; lede bem e tornai a lêr esta phrase; vereis que novo martyrio, maior que os outros, se concretisa nella. Leopardi receiava, não a volubidade ou a perfídia da mulher (a tanto a sua ambição não chegava), mas simplesmente a risada do escarneo, ou, peor ainda, o sorriso da compaixão... Tão bem conhecia essa deformidade corporal, que todo o seu genio não podia dissimular! A solidão era a confidente das suas crises moraes; algumas, formidavelmente trágicas.

Na noite em que Gertrudes Cassi partiu de Recanati — noite tempestuosa e lúgubre — o infeliz ardeu em febre, delirou, debatendo-se a gritos com espantosas allucinações. Conto a Condessa Theresa Leopardi, que assistiu o doente. D'aquella paixão devastadora nos ficou um soberbo testemunho literário, nos versos de *Il primo amore*:

Tornami a mente il dì che la battaglia
D'amor sentii la prima volta, e dissi:
Oimè, se quest'è amor, com'ei travaglia!

.....
Dimmi, tenero core, or che spavento,
Che angoscia era la tua fra quel pensiero
Presso al qual t'era noia ogni contento?

Oh come viva in mezzo alle tenèbre
 Sorgea la dolce imago, e gli occhi chiusi
 La contemplavan sotto alle palpèbre!
 Oh come soavissimi diffusi
 Moti per l'ossa mi serpeano! oh come
 Mille nell'alma instabili, confusi
 Pensieri si volgean.....
 Il cuocer non più tosto io mi sentia
 Della vampa d'amor, che il venticello
 Che l'aleggiava, volossene via.
 Senza sonno io giacea sul dì novello,
 E i destrier che dovean farmi deserto.
 Battan la zampa sotto al patrio ostello.
 Ed io timido e cheto ed inesperto,
 Ver lo balcone al buio protendea
 L'orecchio avido e l'occhio indarno aperto.
 La voce, ad ascoltar, se ne dovea
 Di quelle labbra uscir, ch'ultima fosse;
 La voce, ch'altro il cielo, ah! mi togliea.
 Quante volte plebea voce percosse
 Il dubitoso orecchio, e un gel me prese,
 E il core in forse a palpitar si mosse!
 E poi che finalmente mi discese
 La cara voce al core, e de' cavai
 E delle rote il romorio s'intese;
 Orbo rimasto allor, mi rannicchiai
 Palpitando nel letto e, chiusi gli occhi,
 Strinsi il cor con la mano, e sospirai.
 Ch'altro sara, dicea, che il cor mi tocchi?

 Al cielo, a voi, gentili anime, io giuro
 Che voglia non mi entrò bassa nel petto,
 Ch'arsi di foco intaminato e puro.
 Vive quel foco ancor, vive l'affetto,
 Spira nel pensier mio la dolce imago...

Foi intenso, não duradouro, o platónico fervor; o raio também é rápido, mas fere, e às vezes mata. Leopardi, ferido, mas vivo, e inclinado á ternura, deixou-se ir a novas seducções. D'essa vez foi uma donzella ingénua e humilde do povo quem o attraíu; foi a beleza ignorante de si própria, e unida áquella graça inocente dos vinte annos, que angelicamente reluz nas feições, nos gestos, no vestuário, na própria habitação, e que, segundo o verso de Musset:

... fit hésiter Faust au seuil de Marguerite.

A' pureza captivante, á elegância singela da pobre Theresa Fattorini logo se foi juntar outro encanto mais profundo e mysterioso: o da morte em plena juventude.

Desapparecida do mundo real, transformou-se ella para o Poeta no *querido fantasma* que lhe visitava as angustiosas vigílias. Mais ou menos idealizada — que importa? Nem por lhe merecer, como assunto artístico, as exquisitas galas da fantasia, seria menos sincero o seu luto. Nos versos a *Silvia* é sem duvida a sombra d'ella que Leopardi contempla; e tal página,

pelo seu tom de sinceridade e simplicidade, tem mais visos de recordação íntima de factos verdadeiros, que de enge-nhosa combinação literaria.

Em *Il sogno* é maior a parte da imaginação; mas ainda assim ressumbra ahi uma emoção profunda e in-contestável. Aquelle vulto virginal que lhe apparece no albor da madrugada, quando elle está entre adormecido e desperto, perguntando-lhe se ainda se lembra da cara extinta, e lhe revela, com a infelicidade de ambos, a piedade que já em vida sentia pela sorte do Poeta, e mescla as suas lágrimas com as d'elle, que religiosamente lhe beija a mão — aquelle vulto virginal é uma das creações raras que o genio não vai buscar de certo no dominio das cousas visíveis, mas que, engendradas no mysterioso laboratorio da vida interior, têm uma existência subjectiva tão intensa como a existencia objectiva dos seres.

Dizem alguns que a Nerina de *Le Ricordanze* é a mesma Silvia; outros que é uma rapariga de nome Maria Belardinelli, que, dotada de egual belleza, foi vítima de egual destino. A morte não a deixou durar muito. A Nerina ou a Silvia se refere aquella delicadíssima canção, *Per una donna malata?* E a reminiscência de ambas ainda o enternecia talvez, quando, muitos annos mais tarde, elle compunha as fúnebres elegias *Sopra un basso rilievo antico sepolcrale e Sopra il ritratto di una donna?*

Certo, não foi nenhuma das duas pobresinhas que lhe inspirou as suas ásperas objurgatorias contra a mulher. Mas, depois que deixou Recanati, e andou correndo as grandes capitães e frequentando a sociedade elegante, outras almas femininas conheceu elle, e naturalmente de várias se enamorou. O seu coração não era dos que ficam longo tempo em disponibilidade. — “Preciso de amor, amor, amor, fogo, entusiasmo, vida...” escreve elle a seu irmão Carlos. Artista mais ainda que philósopho, e homem ainda mais que artista, não era indifferente ás formas esbeltas que passavam por elle; insensivelmente as seguia com os olhos e as desejava. As suas impressões de baile mostram-no fino apreciador d'essa graça musical dos movimentos, que ao compasso de uma valsa lânguida ou impetuosa, dá a certas damas a ligeireza alada das sýlphides: “A mulher, nem com o canto nem com outro meio algum pode enamorar um homem como com a dança, que parece communicar-lhe ás formas em não sei que divino, e ao corpo uma força, uma faculdade mais que humana.”

Ora, nos salões e nos theatros elle não foi mais ditoso que no quasi campestre retiro de Recanati. Quantas senhoras mais ou menos duradouramente o attrahiram? Não sei. Conjecturam-se diversas, mas não ha muito que fiar na facilidade de alguns biógraphos, que applicam a taes indagações os processos habituaes da reportagem, fabricando a todo o transe o maior número possível de artigos sensacionaes. A duas, porem, prestou elle seguramente culto de amor, amor não já de moço inexperiente, mas de homem feito, e muito amestrado pela

experiencia. Uma foi a Condessa Carniani Malvezzi, mulher do espírito, literata e amiga de literatos, que em Bolonha tinha uma especie de salão intellectual onde Leopardi a conheceu em 1826: a outra foi a venusta Fanny Targioni, cuja belleza magnífica attrahiu muitos adoradores, e com quem elle teve relações de 1830 a 1832. A primeira o seduziu com a intelligencia culta e a palavra elegante, e com essas mil affinidades de gôsto naturaes entre um grande escritor e uma fina cultora de letras. Leopardi ia visital-a quasi todas as noites, e em conver-sações, onde o amor não entrava, iam-se entretendo até tarde: o peor é que o amor, se das conversações era proscrito, se desferrava penetrando pouco a pouco no coração de Leopardi. A Condessa, que gosava e se ufanava da convivência de Poeta tão célebre, o tratou sempre com extremos de gentileza, não cuidando nem de longe que elle os pudesse tomar por provas de cor-respondência a um sentimento que ella mesma igno-rava. Leopardi teve de deixar Bolonha por algum tempo; na volta, recommçou as visitas quotidianas; mas a senhora, que talvez, por fim, suspeitando a verdade, o quiz lealmente desenganar, lhe deu a entender que con-viria espaçar um pouco mais os colloquios. O Poeta, humilhado e doído, não lhe perdoou a franqueza; e naturalmente, como era seu costume — costume de namo-rados sem ventura — jurou a si mesmo nunca mais se escravisar a mulher alguma.

O destino, porém, devia ainda uma vez — a última, por que o fim dos seus dias se approximava — desmentir-lhe os protestos. Fugir ás fascinações de uma mulher de espírito é relativamente facil, desde que o homem, prevenido, lhe evite as expansões que lentamente subjugam a vontade; mas como escapar ao súbito império da formosura quasi sobrenatural, que entrando pelos olhos vai direito ao coração? Seria mister fechal-os obstinadamente; e Leopardi não se resignava a tal sacrificio. Fanny Targioni era, attestam-no quantos a conheceram, de deslumbrante e captivante belleza; tinha, alem disso, uma certa condescendência de maneiras, que a fez julgar por muitos, talvez com injustiça, accessivel aos galanteios. O luxo dos salões em que recebia, a elegancia dos modos, do vestuário e da vida, lhe realçavam os dotes nativos; e para um artista, cuja vista educada dava a cada elemento de um quadro o seu valor especial, havia uma tentação nova nessa exacta relação entre uma dama realmente perturbadora e o seu meio proprio.

A Aspasia do Poeta se lhe mostra de facto nesse ambiente de mundanismo:

... Né vezzosi appartamenti accolta,
Tutti odorati di novelli fiori
Di primavera, del color vestita
Della bruna viola, a me si offerse
L'angelica tua forma, inchino il fianco
Sovra nitide pelli, e circonfusa
D'arcana voluttà; quando tu, dotta

Allettrice, fervidi, sonanti
Baci scoccavi nelle curve labbra
De' tuoi bambini, il niveo collo intento
Porgendo, e lor di tue cagioni ignari
Con la man leggiadrissima stringevi
Al seno ascoso e desiato ..

Esses versos de uma intensidade rara bastam para provar que o amor do Poeta —o derradeiro, o definitivo — era bem diverso de tudo quanto elle experimentara até então.

Ahi não se trata mais de idealização e platonismo; o sentimento está bem objectivado, dirige-se a um ser determinado e único, ambiciona possuil-o tal qual é, e não só o coração, mas os sentidos ardem num incêndio grande. Leopardi attingira com a idade que corresponde ao “mezzo del cammin di nostra vita”, de Dante, o último grau da enfermidade e da miséria carnal. Era um moribundo ambulante; as amplas azas negras da Eternidade, pejudadas de mysterio, espalhavam sombras densas sobre a sua fronte, já inclinada para a terra. A visinhança do sepulcro communicava ao seu último affecto algo sagrado; neste concentrou elle, por um enorme esforço moral, todas as faculdades da sua alma quasi desprendida do mundo.

Que se passou precisamente entre Leopardi e Fanny Targioni, de quem elle se queixou com tamanha indignação? Devemos crer que Leopardi “a respeito de mulhe-res semelhante ao náufrago que encontrando uma taboa não a larga mais” se abandonou ainda com nimia facilidade a um doce engano, interpretando como declara-ções de amor as palavras affectuosas de Fanny, e vendo um consentimento e um convite onde havia só, além de amizade desinteressada, cortezia para com o homem de genio, caridoso tratamento para com o enfermo? A mim me parece mais plausível — e até os versos citados o deixam entrever — que ella, percebendo a inclinação do Poeta, levanamente o animou e o nutriu de esperanças mais ou menos vagas — mas essas bastam a namorados d’aquella alta nobreza! A sua vaidade sentiu-se lisongeadada, acamada maravilhosamente por essa homenagem superior; que, certo, entre toda a guarda de honra que moços elegantes lhe faziam nos salões, ella não acharia outro da mesma grandeza de Leopardi. O coração per-maneceu frio, mas o gosto de triumphar, que para as mulheres mundanas constitue uma escravidão pesada como para outras a do amor, não lhe consentiu libertar da illusão o seu adorador. E’ preciso não conhecer a impudente puerilidade de alguns caracteres femininos para achar inverosímil a explicação. Ter de joelhos a seus pés uma das glórias da Italia, ter um genio dos que honram a humanidade, como tributário e escravo!... A espléndida Fanny sacrificou talvez tudo a esse prazer; outras, de cérebro mais solido, fariam o mesmo. Mas o “engano ledado e cego” não devia durar muito; um dia Leopardi soube, pelo seu amigo inseparável, Antonio Ranieri, que a muito querida o escarnecia, e, rindo

com os íntimos lhe chamava “o seu corcundinha”. Um raio que lhe tombasse em cheio sobre o corpo não o arruinaria mais que tal revelação. Em silêncio, entretanto, como sempre, elle supportou o golpe. Mas desde aquelle momento se romperam de vez os derradeiros vínculos que ainda o ligavam á terra.

Sómente á penna confiou as suas maguas. Em *Aspasia*, que já citei, ellas são de um desespero eloquente e commovedor. O Poeta diz que essa mulher, pela própria inferioridade moral, não avaliou, nem poderia avaliar, a elevação do culto que lhe inspirou. Agora, porém, aquella Aspasia morreu; vive apenas uma bella mulher — das mulheres a mais bella — que lhe é indifferente de todo; pois não foi a ella que o Poeta amou, mas á Deusa ideal que por algum tempo nella se personificou... E concluindo exclama:

Or ti vanta, che il puoi. Narra che sola
Sei del tuo sesso a cui piegar sostenni
L'altero capo, a cui spontaneo porsì
L'indomito mio cor. Narra che prima,
E spero ultima certo, il ciglio mio
Supplichevól vedesti, a te dinanzi
Me tímido, tremante (ardo in ridirlo
Di sdegno e di rossor), me di me privo,
Ogni tua voglia, ogni parola, ogni atto
Spiar sommessamente, a' tuoi superbi
Fastidi impallidir, brillare in volto
Ad un segno cortese, ad ogni sguardo
Mutar forma e color.

Assim, terminou aquelle nefasto sentimento. O Poeta, libertado emfim, entrega-se ao “júbilo bárbaro e fremebundo do despêro”; e, reconhecendo que o universo já para ele não existe, ri freneticamente em face da criação. Recolhe-se então para morrer; e os últimos annos passados em Nápoles em casa de Ranieri, amigo predilecto, que mais tarde (até nisso Leopardi é malaventurado!), com o cérebro entenebrecido por manias extranhas, havia de calumniar-lhe a memoria, não são mais que uma preparação para o transe supremo. Antes d'este, porém, ainda a imagem da mulher fatal lhe havia de apparecer, provavelmente no delírio da febre; e aquelles beijos que Elvira (outro nome de Aspasia) lhe não negou em sonho – beijos imaginarios, mas suavíssimos – fora ma única recompensa do seu louco fervor pela deliciosa Fanny. Se ella mesma, tempo depois de fallecido Leopardi, declarava não saber quem era a sua Aspasia!...

Dolorosa, pois, como a iniciação do amor, inspirada por Gertrudes Cassi, foi a confirmação no amor, inspirada por Fanny Targioni. Que sem dúvida é a esses dois sentimentos capitaes que Ranieri se refere, dizendo: “Leopardi amou duas vezes (bem que sem esperança) como ainda ninguem amara na terra.” Princípio e fim de vida: dois martyrios, sem falar nos outros, intermedios. Ranieri e sua irmã Paulina, tão desvelada e piedosa, tiveram realmente

por missão aquella obra de misericórdia, que consiste em tratar dos enfêrmos e agonisantes. Leopardi estava nessa mísera condição.

Quando a morte o arrebatou sem luta, como quem carrega uma pluma, aos trinta e nove annos de idade, em 1837, acabou de perecer um homem que ha muito sobrevivia a si mesmo.

Recordais as palavras com que Daudet termina o seu pungentíssimo romance *Jack*?

“ — Mort? — Non, dit le vieux Rival d’une voix farouche — Délivré! “

A poucos seres ellas se poderiam applicar tão justa-mente como ao grande e infeliz Poeta.

II

Tal existência nos commove até as lágrimas — e nós só a conhecemos, atravez dos livros, a muitos annos de distância. O homem inspira respeito e piedade; por isso mesmo, comtudo, ao analysar-lhe as theorias philosophicas, podemos averbal-o de suspeito, nos seus juizos sobre a Vida.

Renan disse que se consolava de todas as desgraças d’este mundo com a idéa de que no fulgurante Syrius ninguem as sentia, ninguem as suspeitava sequer... Oh! velho pensador indulgente, sabio disposto pelo temperamento sanguineo e pelo estudo das eras extintas áquella ironia mansamente scéptica, de encantadora forma, que tanto mal fez aos seus discípulos, deshabitando-os dos sentimentos simples e fortes!

E que nos importa o astro immaculado quando soffremos, e como a sua propria luz é menos límpida para olhos embaciados de lágrimas! Nós não vivemos no rutilante núcleo de Syrius; vivemos neste pequeno pla-neta, e o nosso espírito é tão convulsionado pelas lutas íntimas, como o orbe pelos fogos subterrâneos que rebentam em lava nas crateras dos vulcões. Muitos philosophos zombam da humanidade — e um d’elles é Leopardi — porque, em um delirio de presunção, se suppõe o centro moral do universo. E’ um erro talvez; mas inevitável. Como quereis que, com o instinto da conservação, com a consciência de progresso, com o espectáculo do combate incessante que tem de empenhar contra a natureza e o destino, ella se submetta a outro critério? Desde as edades remotas, em que as raças primitivas disputavam ás feras o lar e o alimento, até hoje, que os trens de ferro se cruzam nos continentes e os vapores collosaes atravessam os oceanos, a historia tem mostrado, como facto fundamental, a humanidade a defender-se dos mil elementos adversos que conspiram para a abater e destruir.

O hábito da guerra produz arrogancia de índole; e a dificuldade de garantir uma coisa lhe augmenta o valor. Por isso a humanidade nunca perderá a illusão de que o universo foi feito e existe para seu serviço.

E não só a humanidade; afora excepções de superior sabedoria, cada homem, se assim não pensa raciocinando, sente todavia por essa chimera uma vaga, mas irresistivel, attracção. Na verdade, se nos não julgássemos com direito a construir, segundo planos pessoases, o edificio da nossa vida, como nos irritaríamos tantas vezes contra accidentes naturaes, como accusariamos a sorte que não tem a mínima obrigação de nos ser agradavel? O proprio suicidio, longe de desmentir, confirma essa idéa; pois, quando não é um acio de loucura, nasce de uma exaggeração mórbida da individualidade, pela qual um desgraçado prefere eliminar-se a submetter-se.

E' claro que eu abstraio aqui do sentimento religioso; a fé modifica radicalmente a nossa *intelligencia moral*. A' luz d'esse sol tudo tem outro aspecto e outra essencia; então o homem se eleva no seu proprio conceito, mas por motivo diverso: não deriva a sua dignidade da posição em que está perante as creaturas, mas dos vínculos que o ligam ao Creador. Eu falo, porém, do homem reduzido ás suas faculdades...

Nessa condição é bem difficil que elle se possa pro-nunciar com imparcialidade sobre os phenómenos e as leis do mundo moral — esquecendo que é actor para se tornar simples espectador. Ainda, entre os antigos, na Grécia e em Roma, grandes philosophos discutiam questões de capital transcendência para a alma humana, tão serenamente como discutiriam o regirnen de um paiz onde nunca devessem morar. Eram espíritos menos complicados que os nossos; e de resto muitas vezes a mera preocupação rhetórica de bem tratar um thema sobrepujava no debate quaesquer velleidades de paixão. Os modernos, sobrecarregados de noções múltiplas e incompletas, fatigados de controvérsias seculares em que se agitaram, sem se resolverem, os máximos problemas, em vez de discretearem com elegante argúcia sobre Zenon e Epicuro, interrogam anciosamente o infinito; e mesmo em attitudes de lyrica solemnidade, crispações nervosas lhes trahem a angústia interior.

De ordinário não chegam ás suas generalisações de alta philosophia por uma serie de operações placidamente mathemáticas, em que as idéas sejam tomadas como termos de theoremas encadeados successivamente. Os conceitos subjectivos não são como linhas geométricas ou frios algarismos combinados em fórmulas de cujos resultados ninguém pode duvidar; no seu probabilismo mais ou menos sólido, o temperamento, a educação, as vicissitudes innúmeras da existência influem assombrosamente. Esse é o vicio original de muitos systemas, cuja inflexível lógica não é a da razão pura, mas a do capricho intellectual,

derivando rigorosas conclusões, de premissas arbitrárias. Em summa, o que se devia tratar como questão abstracta, é tratado como questão pessoal.

Leopardi, pensador insigne, não escapa a essa contingência; antes é dos que mais lhe estão sujeitos, pelas condições mesmas do seu pavoroso fadario. Sendo um dos primeiros intérpretes — e por que não dizer um dos fundadores? — do pessimismo contemporâneo, elle pretende ler formulado a sua doutrina do desespero universal por meio de argumentações imparciaes, absolutamente extranhas ao influxo das suas desventuras. Na carta famosa a De Sinner altivamente ergue a viseira: “Foi só por effeito da covardia dos homens, que precisam de persuadir-se do mérito da existência, que se quizeram considerar as minhas opiniões philosophicas como resultado dos meus padecimentos particulares, e se teima em attribuir ás minhas circumstâncias materiaes o que se deve só ao meu entendimento. Antes de morrer hei de protestar contra essa invenção da fraqueza e da vulgaridade, e pedir aos meus leitores que se proponham destruir minhas observações em vez de accusar minhas enfermidades.”

Soberbas e eloquentes palavras; mas a posteridade as aceitará como definitiva sentença?

Eu não ponho em dúvida a boa fé com que elle as profere. Mas pergunto: o homem em tal causa pode ser juiz de si proprio? Quando, com frequência, acêrca de cousas bem simples, não sabemos se as nossas opiniões se fundam em claros raciocinios ou em sympathies e antipathies mysteriosas, ousaremos affirmar em consciência a nossa insuspeição scientifica perante um conjunto de leis, do qual nós mesmos dependemos, nos máximos e nos mínimos actos?

De Leopardi já vimos os elementos biográficos. Physicamente combalido pelas moléstias, moralmente por todos os desgostos, como havia de ser benévolo o seu espírito para o mundo que o hostilisava? Se elle fosse um simples, um illiterato, queixar-se-ia d’este ou d’aquelle inimigo, do tempo, da saude, da fortuna, diria quando muito, vagamente: Como a sorte é dura! — E continuaria a soffrer, sem se remontar ás causas ignotas da sua dor e da Dor, sem fazer da criação inteira o satélite da sua desgraça, sem demonstrar sabiamente a solidariedade do universo com ella.

Leopardi, porém, tinha a curiosidade e a presunção dos philótophos: transformou a sua penna em arma de guerra e instrumento de dissecção. Quiz vingar-se do Destino, e instaurou-lhe o processo, julgando forçal-o a desmascarar-se.

Uma das causas da sua predisposição á melancolia incurável foi o desequilibrio nervoso, morbo congénito e hereditário, por que entre seus antepassados a proporção dos nevropathas mais ou menos extravagantes é considerável. Eu não irei emtanto ao extremo de

affirmar como o Sr. Patrizi, que o pessimismo é uma simples variedade de desarranjo mental. Nessas conclusões audazes, de que o aliás notável professor Lombroso é o porta-bandeira, ha geralmente muita precipitação. E' um século de sciencia o nosso, mas é também um século de fantasia científica; a nevrose parece castigar muitos dos proprios mestres que lhe ousam desvendar os segredos, atacando-os com redobrada violência sob a forma de manias a um tempos iconoclastas e classificadoras. Dahi a impaciência com que tantas vezes, de dados numerosos, mas confusos e mal discriminados, se extrahem logo asserções de dogmatismo revolucionário. A Lombroso e á sua escola, sem se lhes negar a valia dos estudos feitos e dos materiaes accumulados, aquella censura cabe justamente. Por exemplo, no Homem de Genio, quantos casos superficialmente observados, quantos permenores insignificantes exagerados e torcidos para favorecer os interèsses do systema! A gente ha de sorrir, por força, ouvindo chamar a isso “sciencia experimen-tal...” E se em taes êrros cahem os mestres, que se dirá de certos discípulos?

Por ocasião do centenário, Leopardi foi submettido a esse processo predilecto em conferências e artigos de revistas, que chegaram a tornar-se actos de irreverencia para com a sua memória. A habitual confusão entre a coincidência e a causalidade dos phenomenos attingiu ahi extremos quasi cómicos; porque Leopardi foi simultaneamente genial e dyspéptico, escrevinhadores e palradores de uma candura inverosimil deram tratos á penna e á lingua para patentear na dyspepsia do Poeta os germens do seu genio; se elle ainda vivesse, publicar-lhe-iam de certo, com picantes commentarios physio-psicológicos, a analyse do sueco gástrico... Esses attentados, porém, não passaram sem protesto; os homens de letras lhes puxeram embargos, as proprias gazetas os ridiculisaram; entre outras, *La Tribuna*, de Roma, sobresahiu na liça, publicando artigos agudamente iró-nicos e finamente críticos de Rastignac (pseudonymo do distincto escritor Vincenzo Morello). Leopardi, de resto, se ainda a preocupam no outro mundo as vans contendias d'este, facilmente se pode consolar: como se esquivaria elle ao julgamento summario dos pseudo-psiquiatras, quando o seu nobre contemporâneo, Alessandro Manzoni, typo magnífico de equilibrio phýsico e moral, não lhes escapou á raiva, e por alguns foi sabe Deus como, declarado maluco (*mattoide*)?

Pondo, porém, de parte exagerações e caricaturas, não ha que hesitar na affirmação de que na philosophia de Leopardi o temperamento influiu como em poucas, sendo assim o seu defeito capital o de generalisar sistematicamente impressões subjectivas. De resto, elle achou mil incentivos ao pessimismo no proprio ambiente em que se formou. Os germens de desalento saturavam a atmosphaera do seu tempo; não lhe foi preciso mais que respiral-os offerecendo-lhes um meio adequado de cultura, conto certos organismos o offerecem aos microbios da

tuberculose ou da malária. Era aquella uma época de dúvida e fadiga anciosa; os povos, abalados pelo esforço enorme da Revolução, sentiam esse abatimento febril do lavrador, que se cansou muito em desbravar um terreno, em arrancar-lhe as velhas hervas, em arroteal-o e semeal-o todo, e não sabe ainda se a colheita, que só pode vir com a tempo, o compensará do trabalho ou o levará ao arrependimento... A'orgia pública que tinha custado muito sangue, mas onde do menos uma fé intransigente fazia ver no braço do carrasco um instrumento de rege-neração social, succedia uma tristeza mesclada de remorso por tanto morticínio, e ante a dificuldade de reconstruir, se confessava talvez que a demolição fora longe demais. Depois da medonha hecatombe napoleónica, o antigo Regimen tornava naturalmente a sua desforra; e a relutância das velhas dynastias em aceitar sinceramente as reformas liberaes parecia presagiar o regresso puro e simples ao passado, sem que o sacrificio de tantos milhares de victimas tivesse fruto algum. Não era facil effectuar a selecção entre o que a Revolução trouxera de princípios realmente justos e a sua herança de erros, loucuras e crimes. E não é isso de admirar, que ainda hoje — após curtos períodos de pureza e generosidade, entre os quaes o da República ephêmera de 1848 foi o mais notável — a selecção não está completamente feita na Europa, e em muitos espíritos a confusão das ideas políticas é deplorável.

Assim, o residuo de lutas deixado pela Revolução e por guerras tão longas, a lembrança dos cadáveres carre-gados no cesto da guilhotina ou abandonados aos corvos nos campos de batalha, a desillusão d'essas formulas mágicas que se suppunham capazes de transformar o mundo num momento, tornavam naturalmente tristes os homens nascidos em tão triste período. Vira-se também como era fallaz e vazio o optimismo philosophico do século XVIII, semelhante a uma comedia elegante que lindasse na mais horrível das tragédias. O sangue espadanara violento sobre os amores roseos de Boucher e as pastores casquilhos de Watteau; a Encyclopedia, composta talvez com a ingênua pretensão de responder a todas as curiosidades intellectuaes do homem, apparecia estreita e a muitos respeitos mesquinha no seu espirito sectário; e só então se comprehendeu quanto era culpado e malvado o riso cynico de Voltaire, que, desprestigiando as crenças fundamentaes, nada soubera dar em troca ás consciências attribuladas.

Esse desnorreamento das almas produziu a melancolia vaga, o chamado mal do século, de que o Romantismo largamente se alimentou. Parece-me não se enganarem os que vêm nesse desalento indefinido e universal uma das qualidades características da vida moderna. Carducci observa muito bem que, entre os antigos, a dor, que por vezes attinge aliás o máximo grau de intensidade, tem sempre um motivo real e determinado. Para elles, a despeito dos desgostos inevitáveis, a convicção geral é que “a existência é um bem”. Os infortúnios são como as

manchas do sol; ninguém tomará argumento d'ellas para negar que o sol é de natureza luminoso.

Por isso as manifestações do pessimismo são raras; ha excepções, mas são excepções, isto é, não encontram, como hoje, no espírito público a popularidade que faz de uma doutrina a expressão de sentimentos generalizados. O que se pode entrever de desillusão em alguns poetas e philosophos gregos, em Hesíodo, Simónides ou Platão, em Píndaro que chama a vida “o sonho de uma sombra” ou em Bachíllides segundo o qual “fóra talvez melhor não nascer”, não corresponde de certo ás tendências d'aquelle povo joven, para quem a vida é uma festa de arte, de belleza e de amor. Leia-se o dito de Achilles nos infernos da Odysséa: “Não tentes consolar-me da morte, nobre Ulysses; eu preferiria cultivar como mercenário o campo de um pobre homem a reinar sobre a multidão inteira das sombras.”

O pessimismo de Lucrecio tambem destôa d'aquella actividade positiva e emprehendedora dos Romanos, que, tendo todo um mundo a conquistar, a submeter, a uniformisar, não poderiam conciliar com tal programma uma theoria de negação e renúncia. Objectarão que o suicídio entre elles é cousa commum; mas cumpre notar que provém sempre de motivos individuaes, não de razões contra a vida em si. Quando se matam não é por acreditarem que em princípio vale mais o nada que a vida; mas por suporem que nas suas condições particulares, perseguidos, presos ou exilados, já não podem esperar da sorte senão soffrimentos — e por não terem ânimo bastante para os afírontar... Acho que Antonio e Cleópatra, pertencessem embora á célebre Academia dos co-moribundos, não se matariam se Augusto os não vencesse...

Entre os Hebreus também, apesar do character severo e por vezes sombrio da Biblia, apesar do Livro de Job, das máximas do Ecclesiastes, das Lamentações de Jeremias, nunca houve um desprezo systemático da existên-cia, que de resto não se harmonisaria nem com a moral judaica nem com a esperança messiânica. O proprio Hartmann reconhece na Philosophia do Inconsciente esse optimismo terrestre, que inspira a antiguidade. Falo da antiguidade clássica, da que mais influiu na educação de nossos avós. Outras impressões se nos deparam se volvemos o olhar para a velha índia, onde o Príncipe Çakia-Muni formulou ha tantos séculos a theoria do desespêro, e identificou a sabedoria com o desejo do Nirvana libertador...

Mas não creio que Leopardi devesse suggestão alguma áquella desconsolada philosophia; nem sei se a conheceu. A sua educação é clássica em todo o rigor do termo; e, quando elle quer buscar na antiguidade precusores do seu pessimismo, recorre a Bruto e a Theophraslo, para não falar das meditações que empresta a Sapho. Nisso, porém, era a direcção literaria do seu gôsto que o illudia sobre a origem das suas doutrinas.

Madame de Staël diz com razão que o classicismo e o romantismo correspondem não só a duas épocas, mas a duas famílias de almas. A de Leopardi, apesar da vasta lição clássica, e da clássica estrutura do estylo que tanta vez foi comparado ao dos Gregos, era essencialmente romântica. Foi sem dúvida pelo quasi exclusivismo das leituras e pelo ambiente um tanto arcádico da casa paterna que Leopardi se apegou assim á antiguidade, sem predilecção alguma pela idade média, que os chefes de Romantismo instintivamente preconisaram, não só por uma reacção natural contra o abuso da *mythologia olympica*, das recordações hellénicas e Romanas, mas ainda por uma verdadeira afinidade moral. De facto, não é no paganismo triumphante, ebrio de gôso physico e de exaltação pantheista, mas nos êxtasis, ascéticos, nas macerações monásticas, nos terrores, nos escrúpulos, também no idealismo transcendente e nas victorias de espírito sobre a matéria, traços característicos da idade média (e a idade média moralmente começou nas catacumbas), que o moderno mal do século pode achar as suas primitivas raizes.

O Renascimento, que até pelo nome, tão suggestivo, dá idea de uma renovação alegre e harmoniosa do mundo culto, foi uma reacção dos organismos sãos e exuberantes, dos sentidos bem dispostos para todos os prazeres, das imaginações curiosas de cousas bellas, contra o regimen medieval, em que a carne era macerada pela penitencia, e a mente immobilizada na contemplação solitaria. Reacção incompleta, todavia, e mais especiosa que profunda, por que Pan não podia resuscitar; o Christianismo; apossando-se definitivamente da consciência humana, o matara de vez. Atravez das mudanças de concepção, e sobretudo de técnica, nas artes, como se vê persistir ainda a inspiração bebida no Antigo Testamento e no Evangelho! como se ouve clara a voz dos Novíssimos entre os clamores festivos d'aquellas orgias italianas e francezas! Na pintura e na esculptura o naturalismo triumphante proscreve o mysticismo dos Primitivos; mas se Raphael consegue desenvolver o seu genio peregrino, nos âmbitos da realidade visivel, pela só belleza immortal das formas, se os amplos painéis de Paulo Veronez são apotheoses da luz e do colorido sem sombra de preocupação espiritual, que outros estados de alma se nos revelam, por exemplo, nas severas composições do Tintoretto, nas figuras enigmáticas de Leonardo de Vinci, ou nos terriveis colossos de Miguel Angelo! Os elementos trágicos do Juizo Final, que faz pensar no Inferno Dantesco, o irado cenho do Moyses, a tristeza perturbadora da Noite, a própria volúpia dolorosa da Leda, bastariam para mostrar que sob o paganismo dos contornos já não existia a sere-nidade da alma antiga. Em nenhum poeta, que verdadeiramente o fosse, se pôde encontrar mais aquella placidez deliciosa de traços com que o proprio Virgílio — o mais sensível dos Romanos — pintou as scenas e as paizagens das *Geórgicas*...

O Christianismo não é entretanto pessimista; como o seria com seus princípios fundamentaes da Providencia e da Redenção? Mas não ha necessidade de reflectir muito para comprehender que uma religião, cuja base é a crença na vida futura para a qual a presente é apenas uma preparação, não pode incutir nos homens aquella descuidosa jovialidade, fruto de um polytheismo indulgente e scéptico, que ensinava dever-se gosar o mais possível emquanto é possível — gosar o que este mundo nos dá, sendo tolice trocal-o por uns vagos Campos Elyseos, esthéticos mais que dogmáticos... A existência torna-se mais grave, torna-se até certo ponto melancólica; são melancólicos sempre os grandes sentimentos.

Melancolia maior em uns, menor em outros, conforme as índoles.

Por isso mesmo que a religião é de todos os factores humanos o mais íntimo, cada qual, embora sem lhe alterar a essencia, lhe imprime, na interpretação e na prática, alguma cousa da própria individualidade. Os exemplos dos Santos são a melhor prova. Que differença entre o duro ascetismo de alguns e a indulgência enterneçada de outros! Não achareis de certo em Gregorio VII ou em São Domingos a mansidão de Patriarcha de Assis, a bohemia angélica de São Vicente de Paulo, a brandura risonha S. Francisco de Salles. Aquelles são reformadores o combatentes, meio apóstolos, meio soldados, *milites Dei*, e nada lhes dobra o rigor. Mas pelo menos os Santos, divergindo embora nos methodos de acção, conservam intacto o espírito do Evangelho; o mesmo não succedia quando, nos tempos bárbaros, homens de paixões violentas o interpretavam a seu talante; de uma religião toda feita de caridade, sahiram, por estranho desvio do fanatismo, os horrores da Inquisição. Não admira que em Época de temeridade philosophica, de uma religião fundamentalmente providencialista, se fossem tirar conclusões de pessimismo. Pascal, que tantos pontos de con-tacto tem com Leopardi, os Jansenistas iodos, ahi estão para o evidenciar. Pascal, entretanto, ardia nas chammas de uma fé exaltada, que o impedia de chegar á negação radical do valor da vida; elle a considerava uma expiação aproveitada para um fim superior; vede o magistral capitulo sobre a utilidade das doenças. Outros, porém, abandonando a parte dogmática do Christianismo, só guardaram d'elle a anciosa preocupação das causas primeiras e dos destinos futuros; e, rejeitada a resposta que a crença dava a essa curiosidade íntima, acharam-se diante do um problema sem solução.

Nesse sentido é que eu digo que o Christianismo, mal comprehendido, concorreu indirectamente para despertar o mal do século.

Entre este e a theoria desesperada de Leopardi não me parece haver distância tão grande como affirma E. Caro no seu admiravel livro *Le pessimisme*. Certamente, em Byron, em Chateaubriand, em Musset, o desalento é antes um phenómeno pessoal e subjectivo, um como privilegio doloroso do genio, que Aristóteles já reconhecia, e que se origina talvez da

desproporção de ideas e instintos entre um alto espírito e a maioria dos seus coevos. Mas se o genio, por se considerar mais clarividente que o resto dos homens, declara ser um mal a vida, deve-se concluir logicamente que no seu juizo o commun dos mortaes só a estima como um bem por não ter mente assás aguda para descobrir a verdade. Goethe diz: “Todo o aumento de saber é um aumento de tristeza.” Máxima que podia inscrever-se como epígrafe nas obras philosophicas de Leopardi. De resto, na maior parte dos românticos, enfêrmos do mal do século, procurando bem, se encontram affirmações tão desoladoras como as do Poeta italiano. Se Lamartine foi salvo do pessimismo pela fé e pelas aspirações humanitarias, se Victor Hugo escapou a elle pela ambição política, pela adoração de si proprio e pela extraordinária fortuna do seu nome, Alfredo de Vigny, menos popular, mas de uma inspiração profunda, severa, pura, digna da immortalidade, bem amargas doutrinas fixou nos seus versos, e sobretudo nesse livrinho adoravel e pouco conhecido *Le journal d’un poète*. Nas litteraturas de nossa lingua, se se quizesse entrar em applicações particulares, poder-se-ia mostrar como o Romantismo, cujos iniciadores a actividade patriótica arredou do desânimo fatal (em Portugal pela campanha do liberalismo, no Brasil pelo movimento da independencia), teve mais tarde representantes de tendências, senão doutrinariamente, no menos impressivamente pessimistas, como Alvares de Azevedo, Varella e outros, de cuja sinceridade não é lícito duvidar.

Mas Leopardi não se limitou, como os outros românticos, a manifestações isoladas, se bem explícitas, de desengano; concatenando as suas theorias, estendendo-as ao campo das questões transcendentales, chegou a formar, não um systema completo, mas um esboço ao menos de systema. De facto, elle denominava as suas *Operette* simples ensaios, e parece que o seu intuito era tirar d’ellas mais tarde um tratado definitivo de philosophia; o tempo não lhe bastou para tanto.

III

E Caro fez ver como o Poeta atravessou e aban-donou successivamente as tres phases intellectuaes, que Hartmann chama “os tres estádios da illusão humana.”

No primeiro, bem curto — foi o da infancia e da adolescencia, que elle sempre lembrou saudoso — creu na felicidade real e presente, hauriu a largos sorvos os ares salubres da sua primavera, com o desejo de viver de todos os jovens animaes.

Era quel dolce
E irrevocabil tempo, allor che s’apre
Al guardo giovanil questa infelice
Scena del mondo, e gli sorride in vista
Di paradiso. Al garzoncello il core
Di vergine speranza e di desio
Balza nel petto; e già s’accinge all’opra

Di questa vita come a danza o gioco
Il misero mortal.

No segundo, quando as moléstias e as decepções sentimentaes lhe tornaram abominável o mundo, refugiou-se na crença cathólica, pedindo á Justiça immanente e á infinita Misericórdia a compensação justa dos seus infortúnios. E de então que datam aquelles commoventes, pungentíssimos hymnos ao Redentor e a Maria. ‘Tu conhecestes a nossa vida, lhe provaste o nada, sentiste a dor e a infelicidade do nosso ser — diz elle a Jesus — Piedade para tantas afflicções, piedade para esta pobre creatura tua, piedade para o homem infelicíssimo... pois pertencer quizeste á nossa estirpe, ser homem tambem tu... Sobre Jerusalém te viram chorar. Era essa terra tua patria, por que também quizeste ter uma patria... e devia ser destruída, aniquilada... Assim todos somos feitos para nos desgraçar e destruir reciprocamente... Tempo virá em que eu, nenhuma outra luz de esperança me restando... toda a minha porei na morte; e então recorrerei a Ti... ‘

E á Virgem diz: “É verdade que somos todos mal-vados, mas nem assim gosamos; somos tão infelizes! E verdade que esta vida e estes males são breves e nullos; mas nós também somos pequenos, e elles nos—parecem longuíssimos e insupportaveis...”

Taes preces não chegaram a revestir a forma poética definitiva; ficaram no estado de esboços; tão depressa Leopardi renunciou áquelle “segundo estágio”, afastando da mente todas as influencias da Graça.

No terceiro e último, vêl-o-emos fixar-se mais tempo? Se elle engeita a possibilidade de ser feliz no presente, e repelle as consolações do Messias, confiará pelo menos em um futuro moralmente melhor, no aperfeiçoamento da humanidade, e dará por bem empregado o sacrificio dos que vivem em proveito dos que viverão mais tarde! O que já citei d’elle indica resposta negativa; o seu character não é dos que a meio caminho param; ha de ir até o fundo da voragem. O progresso é mentira para Leopardi, como o resto.

Não cuideis que elle examine cada um d’esses pontos por um inquérito rigorosamente científico, e apoie com provas irrefragaveis as suas conclusões.

As vezes se limita a enunciar categoricamente o seu modo de pensar, sem nos dizer o processo intellectual que o produziu; outras vezes oscilla no limbo de um nebuloso scepticismo, que attesta certamente a morte da fé, mas não a segurança de uma convicção contrária ao que ella affirma; outras ainda pela reflexão, pela concentração das proprias faculdades em um extenso raciocínio inteiramente metaphysico, chega á negação, ou á simples consequência socrática: — “Nada sei nada sabemos...”

É possível, por exemplo, reconstruir e condensar os actos mentaes, que do Christianismo da sua infancia o levaram quasi ao atheismo? Houve ahi trabalho exegético e histórico, severo confronto de todos os grandes philótophos, estudo da criação, dos phenómenos do universo, dos factos do espírito á luz da sciencia moderna? Nada d'isso houve, apesar da erudição de Leopardi. Elle cria, e deixou de crer, unicamente. Quando muito, seguiu os caprichos da meditação solitaria, que inclinada ás idéas radicalmente tristes, achou mais conforme ás suas tendências um ceu vasio e surdo ás súplicas da creatura.

Quando elle formulava as suas convicções demolidoras, já existia o homem original e tragicamente zombe-teiro, cujo nome havia de ser para nós quasi um symbolo do pessimismo: Arthur Schopenhauer. Leopardi não leu uma linha dos seus livros, provavelmente nunca d'elle ouviu fallar; e com tudo lia uma extranha semelhança, por vezes até identidade, entre a philosophia de ambos. Um leve resumo da do Poeta italiano é sufficiente para o indicar aos que conhecem o tremendo mestre de Francfort, sem necessidade de uma comparação que excederia os limites d'este simples ensaio.

Já vimos que elle proscreeve a Deus do seu systema. Não sei se o proscreeveria tambem inteiramente do coração, e muitas das suas cartas deixam ver o contrário, mas emfim para a sua *obra pública* considera-o fora de Combate.

Em vez d'Elle, que resta, desde que repugna á intelligencia de Leopardi a existência do universo sem um Princípio activo que o dirija? Resta o Destino, resta a Natureza, duas abstracções que se comprehendem artisticamente, mas que em philosophia são termos demasiado vagos, sem limites certos, sem definição rigorosa. Pura metaphysica; mas a concretisação da Especie humana em Schopenhauer, a personificação enigmática do Inconsciente em Hartmann não serão também idéas, ou melhor, imagens metaphysicas, não talvez revestidas e encouraçadas de syllogismos á moda antiga, mas contorcidas e mascaradas para uma fantasia carnavalesca e macabra?

O homem, entregue sem remissão ao Destino e á Natureza, ha de forçosamente interrogar-os sobre o que d'elle pretendem fazer e os motivos de tal procedimento. Leopardi, literato, de imaginação pittoresca e dramática, dará sem dúvida movimento e relevo a essas grandes controversias. Bem que, porém, o Destino, o *Fatum* latino, com frequência appareça nas suas poesias, é sempre sob um aspecto incorporeo e, por assim dizer, em terceira pessoa; não se digna entrar em conversação com as suas vítimas; estas, quando lhe pronunciam o nome, é para lembrar algum dos seus ukases irrevogáveis. A Natureza, como seguramente nos seus vastos domínios dispõe de innúmeras formas visíveis, não recusa de vez em quando servir-se de uma, tornando-se mais accessivel aos nossos olhos carnaes. Reparai no que succedeu

áquelle pobre Islandez que, depois de desvairadas peregrinações, fora parar no interior da África. “Um caso semelhante ao que se deu com Vasco da Gama quando passou pelo Cabo da Boa Esperança; e o mesmo Cabo, guarda dos mares australes, se lhe apresentou na figura de um gigante, para dissuadir-o de tentar aquellas novas aguas. Divisou ao longe um busto grandíssimo, que a princípio suppoz fosse de pedra, á semelhança das hermas colossaes, que vira muitos annos antes na ilha de Pascoa. Mas aproximando-se verificou ser um vulto desmesurado de mulher sentada por terra, com o busto erguido, apoiando o dorso e o cotovello a uma montanha; e não fingida, mas viva; de rosto entre bello e terrível, de olhos e cabellos negríssimos, a qual fixamente o mirava...”

Tal é a figura; sem esperar que o attónito viajante lhe dirija a palavra, ella própria lhe pergunta quem é elle. “Sou um pobre Islandez que ando fugindo na Natureza...” — “Assim foge o esquilo da cascavel— retruca ella — até que por si mesmo lhe cahe nas guelas. Eu sou aquella de quem foges.” Mas o Islandez, sem se atemorizar, longamente lhe enuncia as muitas razões de queixa que os homens têm contra a Natureza; os mil perigos que por culpa d’ella os ameaçam, as tempestades, os terremotos, a inconstância dos climas, as epidemias, a fome, as misérias de toda a especie, a dor que supplanta gôso, o tédio que corrompe a propria felicidade, de onde conclue elle que a Natureza é inimiga dos homens.

A resposta da Natureza é perentória: “Imaginavas talvez que o mundo fosse feito por causa vossa? Sabe que nas creações, nas ordens e operações minhas, salvo nas pouquíssimas, de bem outra cousa cuido que da felicidade ou da infelicidade dos homens. Quando vos offendo de qualquer modo... não o percebo... como ordinaria-mente, se vos deleito ou beneficio, nem o sei... E finalmente, ainda que me acontecesse extinguir toda a vossa especie, nem tal perceberia”.

O Islandez não se dá por satisfeito com a explicação, e observa, zangado, que então a Natureza não devia chamar os homens ávida, sem os consultar, assim como não seria justo que alguém, tendo convidado um amigo para nua casa, lhe desse os peores aposentos, o maltratasse grosseiramente, e ante as suas queixas lhe perguntasse: “Pensas tu que construí a minha casa para teu uso?”

Mas a Natureza, que acha impertinente esse pobre diabo, e não quer perder mais tempo em conversas inúteis, livra-se d’elle fazendo-o devorar por dois leões.

Eis a dura verdade; tudo o mais é presunção louca dos homens; também os trasgos créem que para os trasgos, e os gnomos que para os gnomos foi creado o mundo.

Mas afinal será tão ruim a vida? Não valerá mais gosar-a qual é, e lançar fora philosophias ociosas, sobretudo sendo certo que ellas nada descobrem? Aqui, porém, Leopardi,

com a voluptuosidade de um verdadeiro nihilista espiritual, põe em acção todos os recursos do seu engenho para evidenciar a inanidade de cada um dos bens que nos levam a prezar a existencia. Começa pelo prazer; a sua theoria nesse ponto é, antes de tudo, uma theoria de doente; ele pretende que “o prazer é quasi de todas as cousas humanas a mais nociva ás forças e á saude do corpo, a mais calamitosa nos effeitos quanto a cada pessoa, e a mais contrária á durabilidade da propria vida.” Isso applica elle ao uso do prazer quando só o deveria applicar ao abuso; não reconheceis ahi o enfermo que geme em uma carta: “O menor prazer me mataria?”

Por outro lado, é uma theoria de argumentador excessivamente imaginativo, que discorre sobre conceitos arbitrarios, antes que sobre coisas reaes e verificadas. Lêde este trecho do *Dialogo de Torquato Tasso e do seu Genio familiar*:

Genio — Que é o prazer? *Tasso* — Não tenho d’elle prática bastante para conhecer o que seja. *Genio* — Ninguém o conhece por prática, mas só por especulação; por que o prazer é um assunto especulativo, não real; um desejo, não um facto, um sentimento que o homem concebe com o pensamento, e não prova; ou para dizer melhor, um conceito, e não um sentimento... Não distinguis ahi já prelúdios das opiniões mais tarde professadas por Schopenhauer?

Entretanto, no mesmo diálogo, ha uma phrase de alto bom senso, que destrói pela base toda a theoria de Leopardi, e abala o proprio pessimismo philosophico em todas as suas formas. Tasso pergunta: “Não podem nunca os homens crer que gozam presentemente?” O Gênio responde: “*Sempre que tal cressem, gosariam de facto.*” Ora, se Leopardi confessa que o prazer é um phenómeno subjectivo; (e em relação a qualquer phenómeno subjectivo uma illusão fortemente arraigada equivale a uma verdade irrefutável), como é que insiste em affirmar que os homens, quando julgam gosar, são vítimas de um engano? Sustentará também, como outros sustentarão mais tarde, que o prazer é puramente nega-tivo, que é apenas a cessação transitória da dor que sempre o precede e o segue? Pois, quando alguém sente prazer em beber um copo de vinho, ou em contemplar um bello quadro, a sua satisfação é necessariamente o epilogo de uma dor passada e o princípio de uma dor futura?

E não haverá senão prazeres funestos e viciosos na vida? Os mais elevados, os da intelligencia, os do coração, não trazem em si mesmos um elemento de serenidade e pureza que ás vezes parece transportar-nos a outro mundo de delícias supremas? Leopardi repelle tudo: a sciencia que, sendo filha da verdade, só nos pode tornar mais desditosos a cada nova conquista sua, fazendo-nos penetrar mais fundo no horror da realidade, os gosos da arte que o mesmo Hartmann não nega, a glória que elle ambiciona de certo, mas contra a qual o seu *Parini* é um

libello de eloquência deslumbrante e incisiva, a própria virtude de que reconhece e louva a beleza moral, mas não a capacidade para dar ventura a quem quer que seja. O progresso? Esse lhe inspira só riso — um riso amargo, corrosivo e irreverente!. Na *Aposta de Prometheu*, o roubador do fogo celeste vem visitar na terra as criaturas que animou; em Popayan, entre as florestas da América, encontra um selvagem entretido a comer a carne do seu proprio filho; nas Índias, se lhe depara o espectáculo de uma viuva, que, segundo o rito do paiz, levavam a queimar solemnemente por lhe ter fallecido o esposo, typo indigno, que ella detestava aliás; em Londres, succede-lhe entrarem uma casa suntuosa onde está um homem estendido na cama, com uma pistola na mão, ferido no peito, morto; a seu lado dois meninos igualmente mortos; Prometheu pergunta se esse homem que se matou e matou os filhos, era vítima de uma grandissima desgraça; não, lhe dizem, era feliz, rico, tinha quanto a sorte pode offerecer de bens. Suicidou-se, assassinou os filhos — naturalmente por *spleen...* e deixou muito recommendado a um amigo o seu cão favorito. Taes são as gradações da cultura social.

Se lhe allegavam os adiantamentos d'este século, Leopardi só descobria nelle progresso material e grosseiro; chamava-lhe desdenhosamente *século das máchinas*; e elle pouco mais conhecia que as estradas de ferro; o proprio télégrapho, já inventado, só teve installação definitiva no anno da sua morte; que diria elle hoje, se visse o téléphono, o phonógrapho, o Kinetoscopio, o cinematógrapho, e outras tantas invenções que estão transformando os costumes modernos? Não se chegou ainda, entretanto, á construcção das tres máchinas propostas por elle na Academia dos syllógraphos: a de um bom amigo, a de um homem magnânimo a vapor, a de uma mulher com todos os dons das mulheres verdadeiras e sem os seus defeitos; isto é, se não me engano, a lubricidade masculina já tentou algo semelhante a esta ultima experiencia.

Os versos maravilhosamente sarcásticos da *Palinodia* são vergastas zurzindo sem piedade o nosso tempo. Elle, que adorava a Italia, que fervorosamente professou na juventude as doutrinas da política liberal, põe também no seu patriotismo desilludido a nota da ironia, e escreve nos *Paralipomeni della Batracomiomachia* a sátyra mais fera contra os liberaes napolitanos em luta com os Bour-bons.

Quanto ao amor, Leopardi o trata como quem nelle baseou a salvação suprema e achou apenas o supremo desengano. As mulheres, que o não quizeram, elle as reduz, por despeito, á ultima inópia espiritual. Quasi lhes nega a alma. Só uma cousa a torna indulgente, com basta, dose de desprêzo, para com os êrros, o egoismo, a crueldade d'ellas: é a consideração da inconsciência feminina. Assim se exprime em *Aspasia*:

Raggio divino al mio pensiero apparve,
Donna, la tua beltà. Símile effetto
Fan la bellezza e musicali accordi,
Ch'alto mistero d'ignorati Elisi
Paion sovente rivelar. Vagheggia
Il piagato mortal quindi la figlia
Della sua mente, l'amorosa idea,
Che gran parte d'Olimpo in se racchiude,
Tutta al volto, ai costumi, alla favella
Pari alla donna che il rapito amante
Vagheggiare ed amar confuso estima.
Or questa egli non già, ma quella, ancora
Nei corporali amplessi, inchina ed ama.
Alfin l'errore e gli scambiati oggetti
Conoscendo, s'adira; e spesso incolpa
La donna a torto. A quella eccelsa imago
Sorge di rado il femminile ingegno;
E ciò che inspira ai generosi amanti
La sua stessa beltà, donna non pensa,
No comprender potria. Non cape in quelle
Anguste fronti ugual concetto. E male
Al vivo sfolgorar di quegli sguardi
Spera l'uomo ingannato, e mal richiede
Sensi profondi, sconosciuti, e molto
Più che virili, in chi dell'uomo al tutto
Da natura è minor. Che se più molli
E più tenui le membre, essa la mente
Men capace e men forte anco riceve.

Falaria elle de tal modo se alguma correspondesse ao seu amor? Ali ha mais raiva de namorado sem ventura: que placidez de philósopho imparcial. Á linguagem de Don Juan, não é, certo, muito diferente d'aquella; mas Don Juan, typo de libertino, é um infeliz que ignora o amor pela saciedade brutal, como Leopardi o ignora pelo tantálico desejo impotente. O poeta, porém, se amesquinha as mulheres, pelo menos não as avilta nem ultraja nunca; nem se compraz nos requintes arriscados de physiologia sexual em que Schopenhauer se estende: no fundo, arde por ellas de ternura e paixão.

Em um dos *Pensamentos*, Leopardi confessa que “ninguem está tão completamente desenganado do mundo, nem o conhece tão a fundo, nem lhe tem tanta raiva, que, olhado por elle um momento com benevolencia, com elle não se reconcilie em parte...” Que a sua índole era acessível á influencia das consolações exteriores demonstra-o ainda a formosa poesia *Il Risorgimento*. Isso significa que, se a sorte lhe fosse mais propícia, muito provavelmente as suas theorias seriam menos desoladoras. Quando, pois, elle considera a vida o sonho de uma sombra, quando *Filippo Ottonieri*, mero interprete das suas opiniões, declara que a seu ver occupar-se a gente de cousas fúteis ou de cousas importantes, tudo é brincar (*trastullare*); quando, no *Canto nocturno di un pastor errante della Asia*, o poeta pergunta se os animaes e as plantas serão desgraçados como os homens e no *Dialogo della Terra e della Luna* decide

que “o mal é commum a todos os planetas do universo”, Leopardi não faz mais que reflectir na sua própria alma, como em um immenso espelho fantástico, toda a variedade dos seres, todas as armas da criação.

Fratelli, a um tempo stesso, Amore a Morte
Ingenerò la sorte.
Cose quaggiú si belle
Altre il mondo non ha, non han le stelle.
Nasce dall'uno il bene,
Nasce il piacer maggiore
Che per lo mar dell'essere si trova;
L'altra ogni gran dolore
Ogni gran male annulla.

Cantava assim, enquanto o Amor lhe sorria ainda; dissipado o derradeiro engano, esperou a Morte chamando-a anciosamente. Como ella tardava, a sua misanthropia foi crescendo, e com ella o acerbo humorismo de que nos legou exemplos famosos nos *Diálogos de Huysch* com as suas meninas, e de um transeunte com um vendedor de almanachs.

Antes, porem, de partir da terra, quiz arrojarse á face do Destino a invectiva suprema do seu desespero, e traçou com mão já firme e sem palpitações fallazes, neste sombrio poema, o mais enérgico e sublime resumo do pessimismo:

A se stesso
Or poserai per sempre
Stanco mio cor. Però l'inganno estremo,
Ch'eterno io mi credei. Però. Ben sento,
In noi di cari inganni,
Non che la speme, il desiderio è spento,
Posa per sempre. Assai
Palpitasti. Non val cosa nessuna
I moti tuoi, nè di sospiri è degna
La terra. Amaro e noia
La vita, altro mai nulla; e fango è il mondo.
F'acqueta omai. Dispera
L'ultima volta. Al gener nostro il fato
Non donò che il morire. Omai disprezza
Te, la natura, il brutto
Poter che, ascoso, a comun danno impera,
E l'infinita vanità del tutto.

IV

O philósopho não fundou escola no seu paiz; não teve um cortejo de discípulos semelhante ao de Schopenhauer, onde, capitaneados por Hartmann, desfilam adeptos como Fravenstadt, Taubert et Julius Bahnsen. O clima edênico da Italia não favorece as tenebrosas cogitações do pessimismo; sob este céu de rutilante esmalte, entre os castanheiros frondosos, e os laranjaes, em que as flores do noivado se entrelaçam com os frutos de ouro, exhalando um perfume inebriante ao calor do sol meridional, o homem enfeitiçado pela natureza não sonha

com o Nirvana; o somno em que adormece não é o do desalento extenuado, mas o da volúpia satisfeita. Nas brumas do Norte, nos estepes longuíssimos ou nos bosques gélidos de pinheiros, assombrados por uma mythologia encantadoramente trágica, tão diversa da risonha mythologia latina, a flora mórbida e venenosa da negação mais facilmente germina e se alastra.

O vinho das collinas verdejantes de Nápoles, da Toscana, da Lombardia é pai da jovialidade e da esperança; não gera pesadelos obscuros, allucinações de desespêro, como esses que produz a cerveja tedesca, a crermos no chimico humorista, que segundo nos conta E. Caro, á espumante bebida attribuia grande responsabilidade no pessimismo allemão... Conjectura aliás infundada, pois que, entre os Francezes, bebedores também de vinho suave, a escola de Schopenhauer angariou adeptos. Na Italia Leopardi é uma excepção.

Mas, se ficou isolado o philósopho, o poeta, em compensação, tornou-se logo um clássico da lingua, estudado e commentado como Dante, Petrarca, ou Tasso. Justa homenagem, porque as suas qualidades propriamente esthéticas são eminentes.

Aquelle estylo de tanta magia na sobriedade dos traços, mais de uma vez, como eu já disse, lhe grangeou o título de moderno déscendente dos Gregos; aquella pureza de phrase italiana, bebida nas fontes límpidas dos séculos de mais lustre para a patria, lhe marcou lugar nobre entre os mestres do idioma. Com tão perfeito instrumento de expressão, o seu lyrismo pode subir e librar-se bem alto sem perder-se em nuvens ou brumas de obscuridade; esse lyrismo, se não tem o impulso sereno e o vasto bater de azas da meditação lamartiniana, ou a potência objectivadora, a fecundidade por vezes nímia de imagens que enriquecem a ode de Victor Hugo, abrange todavia amplos horizontes, com tal simplicidade e tal grandeza, que sempre encanta e por vezes deslumbra. O *Inno ai Patriarchi*, os cantos a Dante, a Angelo Mai e outros, são como os *Sepolcri*, de Foscolo, e o *Cinque Maggio*, de Manzoni, páginas das mais elevadas e vigorosas da literatura d'este século.

Quanto elle deva ser commovente na elegia, bem o deixa ver a sua tristeza nativa; tristeza não suavemente resignada como a d'esse adoravel Silvio Pellico, mas entoxicada por um fermento de revolta e recriminação contra o Destino. Nella ha porém, de quando em quando, impressões brandas tambem; como traduz debilmente a saudade aquelle *Sabato del villaggio!* como nos revela o isolamento, o abandono, na tarde do dia e na tarde da vida, aquelle *Passero solitario!*

Invective embora Leopardi a indifferença cruel da Natureza ante os nossos infortúnios; ninguém é mais sensivel que elle ás suas formosuras; ninguém interpreta melhor a doçura de uma bella paizagem, ou a influencia calmante que exerce sobre os corações mais feridos a magna placidez do campo e do ceu. Os seus trechos descritivos são por isso de um colorido

vivaz ainda que sabiamente disposto, e, sobretudo, de um extremo poder suggestivo. Cumpre não esquecer, sem dúvida, que elle não contempla a Natureza como um antigo; a *anima rerum*, que o poeta romano celebrou, não se concretiza para elle em grupos pagãos de nymphas e faunos; é algo mais profundo, e symbolico, e mysterioso; e a solidariedade, que liga os fados do homem aos dos outros seres vivos, cujas queixas dolorosas murmuradas em linguagem confusa, elle se esforça por decifrar.

Eu não entrarei em este reis minúcias técnicas; não irei contando como outros, quantas vezes Leopardi empregou a palavra *verde* ou a palavra *estrêlla*; esse método de crítica ha de se concordar que é grotesco... Ilimitar-me ei a dar alguns dos seus quadros; vede este, da *Vita solitaria*:

La mattutina pioggia allor che l'ale
Battendo esulta nella chiusa stanza
La gallinella, ed el balcon s'affaccia
L'abitator de'campi, e il sol che nasce
I suoi tremoli rai fra le cadenti
Stille saetta, alla capanna mia
Dolcemente picchiando, mi risveglia;
E sorgo, e i lievi nugoletti, e il primo
Degli augelli susurro, et l'aura fresca,
E le ridendi piagge benedico.

.....
Talor m'assido in solitaria parte,
Sovra un rialto, al margine d'un lago
Di taciturne piante incoronato,
Ivi, quando il meriggio in ciel si volve,
La sua tranquilla imago in sol dipinge,
Ed erba o foglia non si crolla al vento,
E non onda incresparsi, e non cicala
Strider, nè batter penna augello in ramo
Nè farfalla ronzar, nè voce o moto
Da presso nè da lunge odi nè vedi.
Tien quelle rive altíssima quiete;
Ond'io quasi me stesso e il mondo obbligo
Sedendo immoto; e già mi par che sciolte
Giaccian le membra mie, nè spirto o senso
Più le commova, e lor quiete antica
Co'silenzi del loco si confonda.

E este, da *Quiete dopo la tempesta*:

Passata è la tempesta:
Odo augelli far festa, e la gallina,
Tornata in su la via,
Che ripete il suo verso. Ecco il sereno
Rompe là da ponente, alla montagna;
Sgombrasi la campagna,
E chiaro nella valle il fiume appare.
Ogni cor si rallegra, in ogni lato
Risorge il romorio,
Torna il lavoro usato.
L'artigiano a mirar l'umido cielo,
Con l'opra in man, cantando,

Fassi in su l'uscio; a prova
Vien fuor la femminetta a còr dell'acqua
Della novella piova;
E l'erbauol rinnova
Di sentiero in sentiero
Il grido giornaliero.
Ecco il sol che ritorna, ecco sorride
Per li poggi e le ville. Apre i balconi,
Apre terrazi e logge la famiglia:
E, dalla via corrente, odi lontano
Tintinnio di sonagli; il carro stride
Del passegger che il suo cammin ripiglia.

E, este enfim, da *Sera del dì di festa*:

Dolce e chiara è la notte e senza vento,
E quieta sopra i tetti e in mezzo agli orti
Posa la luna, e di lontan rivela
Serena ogni montagna. O donna mia,
Già tace ogni sentiero, e pei balconi
Rara traluce la notturna lampa:
Tu dormi, che t'accolse agevol sonno
Nelle tue chete stanze; e non ti morde
Cura nessuna; e già non sai nè pensi
Quanta gioia m'apristi in mezzo al petto.
Tu dormi; io questo ciel, che si benigno
Appare in vista, a salutar m'affaccio;
E l'antica natura onnipossente,
Che mi fece all'affanno. A te la speme
Nego, mi disse, anche la speme; e d'altro
Non brillin gli occhi tuoi se non di pianto.

Por negativas que sejam as suas tendências, o genio é sempre uma quantidade positiva: figurar no activo de um povo, como capital que, administrado como zelo, lhe aumenta a riqueza e a glória. Isso se verifica também em Leopardi, cujos versos patrióticos, longe de comunicarem a outros o desalento que os enlutava, accenderam no sangue italiano scintillas de valor e esperança, e, como disse alguém, forneceram legiões de soldados às guerras da independência na península.

De resto, se Leopardi, muitas vezes, como filósofo, capitulou de illusões os mais altos sentimentos e actos do homem, como homem quiz partilhar essas illusões que nobilitam a vida, e por ellas pautou a sua.

Assim a herança moral do autor de *Bruto Menor* é das que os seus concidadãos podem ostentar com ufania; e os Italianos bem o comprehenderam, celebrando o primeiro centenário do nascimento de Leopardi como festa verdadeiramente nacional. Eu que, estrangeiro curioso dos factos intellectuaes d'este Paiz, escrevi sob influência daquella commemoração o presente ensaio, terei conseguido o meu intento, se inspirar aos leitores — que de certo conhecem

Leopardi ao menos por algumas das suas páginas — o desejo do estudar a fundo o grande Poeta, um dos maiores da Italia — um dos maiores d'este século agonisante.

O poeta do pessimismo: Giacomo Leopardi¹²

Alfredo de Carvalho

Desde que no mundo nasceu a dor com a existencia, escreveu o sr. Magalhães de Azeredo, não houve entre os filhos misérrimos de Adão outro mais infeliz que esse. Nem o bíblico Job raspado as suas chagas com fragmentos de telha nem aquelles a que a crueldade oriental vasava os olhos ou arrancava a língua, nem os que em Roma eram arrojados às gemonias, nem os que na idade-media sofriam o supplicio da gotta d'agua em as torturas do borzeguim, nemhum destes poderosos mais que o desgraçado poeta, que espantou e comoveu o século com os lugubres momentos do seu desespero.

Oriundo de illustre família de Recanati, Leopardi nasceu numa época de angustia para os seus e para a Italia, e cêdo manifestou indole reflectida e seria, e, como elle mesmo disse, muito propensa á melancholia; de uma precocidade assombrosa, apenas saído da infância, trancou-se na bibliotheca paterna entregue a austeros estudos.

Alcançou assim formar e emancipar inteiramente o seu espírito em idade na qual o geral dos homens começam apenas a assentar os alicerces da propria individualidade; a vastidão da sua cultura era surpreendente, abrangendo o conhecimento tanto as grandes obras do classicismo greco-latino como a dos modernos poetas e philososphos.

Mas, semelhante existencia de contínuos esforços mentaes, sem a compensação da actividade physica, não tardou essa lhe arruinar para sempre a saúde e a historia de sua vida passou, em grande parte, a ver a de suas enfermidades, cada vez mais graves e dolorosas.

Contribuia para ainda mais avolumar a sua desventura uma sensibilidade excessiva e anormal, que tantas vezes o levou a invocar a morte, única que o podia libertar das cruciantes enfermidades e das angustias infinitas...

E' evidente que um homem assim organizado não podia deixar de vir a ser um pessimista, depois de atravessar e de abandonar sucessivamente as três phases intellectuaes, denominadas "os três estadios da ilusão humana" pelo philosopho Hartmann.

A principio "creu na felicidade real e presente, haurindo a largos passos os salutarees de sua primavera com o desejo de viver de todos os jovens animaes".

¹² Texto extraído do *Jornal de Recife*, de 03 de junho de 1909.

Mas logo vieram as moléstias e as decepções sentimentaes e, fugindo a um mundo abominavel foi abrigar-se no seio da crença catholica, implorando á Justiça immanente e á Misericordia infinita a compensação equitavel de suas desventuras.

Por fim, abandonando-se á corrente caprichosa da meditação solitária, deprimada por idéas visceralmente tristes, chegou quasi ao atheismo, achando “evasivo e surdo ás supplicas da creatura”.

A este período pertence a parte mais considerável de sua obra artística, aquella que tem mantido vivo o nome de Leopardi em todo o universo culto.

Foi também então que a philosophia do poeta chegou á sua completa maturação, crystallizando na mais desoladora das doutrinas, e paralelamente as amas faculdades estheticas de exteriorização afinaram-se maravilhosamente, tornado-o logo um clássico da língua italiana, estudado e commentado como Dante, Petrarca ou Tasso.

A altiva singeleza do seu estylo conquistou-lhe o titulo de moderno descontente da Heliade; a limpidez de sua phrase, haurida nas fontes mais ternas do passado italiano lhe assignalou cêdo lograr complexo entre os mestres do idioma.

Com tão perfeito instrumento de expressão, disse o sr. Magalhães de Azeredo, o seu lyrismo pôde subir e librar-se bem alto sem perder-se em nuvens ou brumas de obscuridade; esse lyrismo, se não tem o impulso sereno e o vasto bater de azas da meditação lamartiniana, ou a potencia objectivadora, a fecundidade por vezes nimia de imagens que enriquecem a ode de Victor Hugo, abrange todavia amplos horizontes, com tal simplicidade e tal grandeza que sempre encanta o por vezes deslumbra. O *Inno a Patriarchi*, os cantos a Dante, a Angelo Mai e outros, são como os *Sepolcri*, de Foscolo, e o *Cinque Maggio*, de Manzoni, paginas das mais elevadas e vigorosas da literatura do seculo XIX.

“Quanto elle deva ser commovente na elegia, bem o deixa ver a sua tristeza nativa: tristeza tão suavemente resignada como a desse adorável Silvio Pellico, mas entoxicada por um fermento de revolta e recriminação contra o Destino.”

“Nella ha porem de quando em quando, impressões brandas tambem; como traduz flebilmente a saudade aquelle *Sabato del villaggio!* Como nos revela o isolamento, o abandono, na tarde do dia e na tarde da noite, aquelle *Passero solitario!*

“Invectiva embora Leopardi a indiferença cruel da Natureza ante os nossos infortúnios; ninguém é mais sensível que elle ás suas formosuras; ninguém interpreta melhor a doçura de uma bela paisagem, ou a influencia calmante que exerce sobre os corações mais feridos e magna placidez do campo e do ceu. Os seus trechos descriptivos são por isso um colorido vivaz ainda que sabiamente disposto, e, sobretudo, de um extremo poder suggestivo. Cumpre não esquecer,

sem duvida, que elle não contempla a Natureza como um antigo; a *anima rerum* que o poeta romano celebrou, não se concretiza para elle em grupos pagãos de nymphas e faunos; é algo mais profundo, e symbolico, e mysterioso; é a solidariedade, que liga os fados do homem aos dos outros seres vivos, ou jaz queixas dolorosas murmuradas em linguagem confessa, elle se esforça decifrar.”

A assombrosa repercursão que os seus poemas cedo tiveram na propria Italia, estendeu-se em breve a toda a Europa e as suas obras foram repetidamente traduzidas em quasi todas as línguas occidentaes; só traducções francesas conhecíamos antes, e agora acaba de surgir uma oitava, da lavra do sr. Victor Orban, distinto poeta e literato belga, tambem grande admirador e habil vulgarizador das letras brasileiras.

A sua tradução de Leopardi é em prosa, o que lhe permittio reproduzir com equivalência perfeita o pensamento do mais illustre e mais sincero poeta do pessimismo.

Não sei porque motivo se tem ultimamente procurado, entre os nossos jovens esthetas, amesquinhar o plausível labor dos traductores.

Certo, muitos autores dispensariam a discutível popularidade conquistada por meio destes grotescos arremedos de suas obras, que tão frequentemente justificam o conhecido brocardo italiano – *Tradduttori, traddittori*.

Mas, como em todo, entre elle os ha eficazes e péssimos, e ninguém, de bôa fé, ousará negar o mérito verdadeiramente superior das traducções de um Pope, de um Gerard de Nerval, de um Carlos Porto Carreiro.

O próprio Leopardi – invejando a gloria dos felizes e opportunos traductores da Renascença, para sempre ligados a algum dos illustres classicos antigos – exclamava: “Quem sabe sí Caro não vivera tanto quanto Virgilio, Monti tanto quanto Homero, Belloti tanto quanto Sophocles? Ah! *Que bello destino o de não poder morrer senão com um immortal!*”

Afirma Sainte-Beuve que tal foi a ventura de Amyot, o qual, contribuindo para popularizar Plutarcho, foi por Plutarcho immortalizado.

Não é possível prever, dentre os numerosos traductores de Leopardi, aquelle destinado a participar, atraves das éras, dos louros com que a posteridade não cessará de coroar a obra singular do mais melancholico dos poetas modernos; mas, é evidentemente que, entre os nomes dos melhores interpretes franceses, ha de figurar duradouramente o do sr. Victor Orban, mercè da sua excellente tradução, gentilmente dedicada ao nosso eminente patricio o sr. Oliveira Lima.

Factos e Impressões¹³

J.C

Aos meus leitores (si é que os tenho) *boas festas*. Não quero que digam ser o chronista um plunitivo arredo e avesso a taes manifestações de rejubilante alvoroço que se alastra por todas almas esperançosas de atravessarem o anno novo, confortadas com provisão de fartos prazeres o divorciadas por completo; e o escuros pezares. Não ha cousa melhor que a esperança: sem ella que seria de nós? Esperar! Nesta palavra se resume, póde dizer-se, a vida do homem. Esperamos sempre, porque o bem alcançado jámais nos dá uma satisfação completa e sómente serve de incitamento para alcançar outro melhor. Basta dizer que a religião de Christo se baseia toda sobre o fundamento de uma grande esperança.

Ah! Não fosse esta grande e caroável nutriz dos desgraçados, que, na phrase de um piedoso escriptor, aconchegada sempre ‘ao homem como a mãe a seu filho enfermo, o embala em seus braços, o pende dos seus seios copiosos, e o sacia do leite que mitiga as dores, e creio que o coração humano morreria intanguido do frio no regolo do mais áspero inverno da infecunda miséria moral. Porque, não se deve esquecer, com a esperança anda sempre alliada a fé, e sem esta nada se consegue. Da fé, que nada mais é do que a convicção, nasce a força para as batalhas da vida. Um homem convicto vale por uma legião e combate, sem dar quartel, até cahir aniquilado. A fé, na religião, opera milagres; a fé, na sciencia, produz as mais portontosas descobertas; a fé, na arte, cria obras primas; a fé, na communhão social, gera o patriotismo e todas as virtudes cívicas; a fé, no individuo, faz nascer o amor o todos os nobres sentimentos.

Não fôra a fé, o Colombo não descobriria o novo mundo; não fôra a fé, o Christo não teria prégado a sua doutrina da mais sã moral; não fôra a fé, o Augusto Comte não teria sido a maior cerebração philosophica do seculo XIX; não fôra a fé, e Byron, o poeta da descrença e da revolta, não nos legaria os seus poemas.

A fé é necessária; a esperança, tambem.

Assim sendo, não devo nem quero convencer ninguém de que deve abandonar a sua fé, a sua esperança, e entendo que o maior mal que se póde fazer ao homem é arrojalo à descrença. O sábio deve crer na sua sciencia, o religioso na sua religião, o artista na sua arte, o politico na sua politica, o philosopho na sua philosophia, o sociólogo na sua sociologia, o patriota no seu patriotismo.

Dahi o meu respeito por tudo que é o producto de uma convicção.

¹³ Texto extraído do jornal *Correio Paulistano*, de 04 de janeiro de 1910.

Nestas condições, acompanho a praxe que se estabeleceu de se desejar a maior somma de prazeres a todos os viventes da terra nas festas do anno bom.

Mas a verdade é que bem cá no intimo do meu ser me fermenta o levedo de incurável pessimismo que, para ser sincero, não devo ocultar ao leitor, cuja atenção muito me desvanecerá, si m'a dispensar.

Anno novo! Anno bom!

Mas o anno velho, o anno findo, não teve a mesma propiciação? E foi bom por ventura? Os demais anos não foram também saudados com a mesma efusão de contentamento? E correram satisfazendo plenamente os nossos desejos?

Taes interrogações, que me surgiram no espirito, me levaram a folhear com curiosidade uma pagina pessimista de Leopardi, o cantor desesperado da *Infelicitá*. E' o celebre dialogo do transeunte e do vendedor de almanachs. Não resisto ao desejo de trasladar para aqui um trecho desse dialogo, que, comquanto esteja saturado de amargo pessimismo, não deixa contudo de nos fazer pensar, o que já é alguma cousa.

- Alamachs! Almanachs novos, calendarios novos! Quereis almanachs, senhor?
- São almanachs para o próximo anno?
- Sim, meu senhor.
- Acreditas que o próximo anno será bom?
- Certamente, excellencia.
- Melhor que o ultimo?
- Muito melhor.
- Melhor que o penúltimo?
- Ainda melhor, sem duvida.
- Com qual dos annos precedentes querias que elle se parecesse?
- Com nenhum, senhor.
- E quantos annos novos têm decorrido desde que começaste a vender almanachs?
- Provavelmente uns vinte, excellencia.
- Não te recordas d'um anno, entre esses vinte, que fosse particularmente propicio?
- Por minha fé que não, excellencia.
- Todavia, a vida é uma bela cousa, não é verdade?
- Sim, decerto, meu senhor.
- Não desejarias recommençar estes vinte annos e até mesmo todo o tempo decorrido desde que nasceste?
- Prouvera a Deus que isso fosse possivel.
- Mas si fosse necessario tornar a passar por todas as peripécias da tua vida, por todos os prazeres e pezares, tornar a viver, enfim, tal qual viveste?
- Então já não queria.
- Preferirias antes recommençar a vida d'um outro; a minha, por exemplo, ou a do rei, ou a de qualquer outra pessoa? Não pensas que eu, o rei, ou qualquer outro responderíamos como tu, o que tendo de recommençar a vida como ella foi, ninguem a queria?
- Creio bom.
- Assim, não recommençarias a vida, si ella tivesse de ser a mesma?

- Não, meu senhor, nunca...

- Digo outro tanto, e outros dirão como nós. Assim, confessamos que a sorte nos maltratou a todos até este anno. A cousa é clara, cada qual julga que os males soffridos foram mais numerosos que os bens gosados, visto que ninguem quereria recommençar a vida com o mesmo lote de felicidade e de amargura. A vida que nós chamamos bella não é aquella que nós conhecemos, mas aquella que nós não conhecemos...

Medito o leitor esse trecho de Leopardi e, depois, diga si não ha nelle um fundo solido de razão. Quem desejará, em verdade, voltar á sua infância para tornar a viver a mesma vida até á idade em que se acha? Porque o indubitavel é que, no balanço que cada qual der á sua existência passada, os males terão sempre um activo maior do que os prazeres.

Deve-se convir, porém, que a conclusão a que chega Leopardi não é a melhor nem resolve cousa alguma, porque, diz elle, para todos os males deste mundo só há um remedio: a morte.

Nem tanto ao mar nem tanto á terra.

Creio até que muita gente (como eu, por exemplo) desejaria bisar as numerosas passagens de sua vida, ainda mesmo que tivesse maior quinhão, de dores do que de alegrias. Esse desejo, porém, não quer dizer que o homem de hoje se iluda a ponto de se deixar mystificar sobre as cousas terrestres. A philosophia pessimista, neste particular, tem o dom de nos abrir os olhos e de nos empuxar para a realidade, caso sejamos empolgados pelo sonho. Bem sabemos que este mundo nos leva quasi sempre a acreditar na *infinita vanità del tutto*, como quer Leopardi, mas dahi a julgal-o sómente como um *valle de lagrimas* dista um abysmo. No monturo das misérias terrenas, deixem lá dizer, ainda, fulgem alguns diamantes da mais pura agua, a saber: a amizade, o amor, a dedicação, o patriotismo, a gloria...

Mas tudo isso mesmo para os pessimistas do má morte nada vale.

Bruto, morrendo, dizem elles, amaldiçoa a sua dedicação e as suas virtudes; a gloria é uma sombra, e o gênio, de que ella é a única recompensa, é um presente funesto para quem o recebe: e o amor é um erro, erro bem-aventurado, sem duvida, *error beato*, mas que nos dá, não a felicidade, e sim o phantasma da felicidade, porque o objeto do amor, a *angélica beltade*, não é mais que uma sombra enganadora que passa depressa, que foge sem voltar e que desaparece na morte.

Dizem isso os pessimistas, não ha duvida, e, no emtanto, Arthur Schopenhauer, que pode ser considerado o *pontifex maximus* dessa escola philosophica, foi um alegre disfructador da existencia, que até se preocupava com as mais finas marcas de Champagne e tinha tal pavor á morte, que chegava a ser ridículo.

Não. Deixemos falar a esses invectivadores da vida (em theoria, claro está) e sejamos do parecer do poeta inglês Wordsworth:

“O homem vive de admiração, de esperança e de amor.”

“Aquele que tem a admiração e o amor, conceitua Guyau, terá sempre por acrescentamento a esperança; aquelle que ama e que admira terá essa ligeireza do coração, que faz com que se caminha sem sentirmos a fadiga, que nos faz sorrir caminhando e que nos faz parecer que todas as visões do caminho nos sorriem. O amor e a admiração são, pois, os dois grandes remedios do desespero: amae e desejareis viver. Qualquer que seja o valor da vida para a sensibilidade, saber agir, e principalmente agir por outrem, constituem sempre razões de viver.”

Assim, pois, que o leitor seja feliz no anno bom e continue a sel-o até a... consumação dos séculos. Deixe a triaga amaríssima do pessimismo hodierno e se inebrie com o licor dulçoroso de que acham a terra o melhor dos mundos possíveis.

O Cysne Negro de Recanati: Leopardi¹⁴

H. Fierens-Gevaert

Emquanto a tristeza franceza, sempre elegiaca e sentimental, se exprimia com elegancia em certas obras de Musset, Vigny, Lamartine, George Sand; enquanto o néo-christianismo de Maistre e de Chateaubriand, luzia os seus derradeiros clarões; enquanto os personagens de Byron e de Pouchkine passeavam pelo mundo a sua melancolia pittoresca e estudada, um moço italiano descarnado e um tudo nada corcunda, incompreendido e ridicularizado pelos seus compatriotas, roído por uma enfermidade incuravel, desprovido de toda a esperança terrena, ignorante das doçuras do amor: Leopardi, poeta e philosopho, negava — o primeiro na Europa — as delicias do mundo, fazendo a somma exacta e tremendamente longa de todas as nossas dôres, mostrando a vida como um mal sem remedio.

O autor da *Historia do Genero Humano* foi, realmente, o fundador do pessimismo dogmatico. Elle não era unicamente, como diz Sainte-Beuve, um grego desterrado, dobrado d'um spleenético da raça dos Byron e dos Musset; nem, como pensa Marc Monnier, um crente desencaminhado e um patriota exasperado pela inercia vil do seu paiz; nem, ainda, como o assegura Bouché-Leclercq - o que dá razão á opinião vulgar - um hypocondriaco e um mimálho; I-elle foi simples e exclusivamente um crente infallivel, que, depois de haver posto em confronto o passado com um futuro carregado de nuvens, creu poder concluir pela inutilidade da nossa existencia.

A miseria profunda da vida, - não sómente da sua vida individual - explica o seu pessimismo. A sua grande falta, não foi ter diagnosticado claramente o mal, mas a de o ter declarado irremediável, aconselhando a aniquilação completa da nossa vontade na ancia d'uma morte rapida. A sua philosophia, sobre que se apoiam quasi todos os erros modernos, encontra em si própria a sua condemnação: pois que o auctor, voluntaria e exclusivamente preocupado com os efeitos do mal, se arreceia de dar no dominio da hypothese e do desconhecido o passo supremo que modificaria a sua visão das coisas. Si os homens são máos, é porque são egoistas. Convencido de que nós preferimos a todas as outras a nossa propria individualidade, Leopardi affirma que os nossos sentimentos de fraternidade são unicamente superficiaes, e que o nosso amor do proximo não passa d'um vão alarde. Em auxilio de tal opinião, cita Demosthenes, Cicero, Bossuet, tres grandes “altruístas”, que são grandes como nunca nos discursos em que falam de si mesmos. Menciona a apologia que Lourenço de Medicis

¹⁴ Texto extraído do jornal *Correio da Manhã*, de 13 de fevereiro de 1910.

escreveu do seu proprio reinado, afim de se justificar perante os seus adversarios, e que é uma peça d'uma rara e nobre eloquência; e, ainda, as proprias cartas de Tasso. Elle poderia ter alludido ainda ás Memorias celebres, a todas as confissões d'autores que apaixonaram as multidões.

Mas são, porventura, taes exemplos uma prova sómente do amor que professámos pelo nosso *eu*? Si Leopardi tivesse erguido o olhar um pouco mais alto, teria certamente reconhecido que esse egoismo humano é necessario, e que Deus o creou precisamente para assegurar o desenvolvimento continuo do nosso instincto de sociabilidade e de fraternização. Sem essa necessidade perpetua de nos considerarmos com indulgencia, nós não sentiríamos nunca coragem bastante para estender fraternamente aos outros a nossa mão.

Como poderíamos amar o proximo, detestando-nos a nós mesmos? “Amar o próximo como a vós mesmos” disse o Christo. Jesus sabia, na sua divina clarividencia, que nós não poderíamos amar os outros mais do que nos amamos a nós propios. E Deus fez bem, creando em nós esta consciencia do valor pessoal, e defendendo-a dos golpes do scepticismo e da dôr por mais rudes que elles sejam.

Avançando logicamente no sombrio caminho da sua descrença, Leopardi magnificou o tédio (que, quanto a si, combatia por meio dum trabalho perseverante); glorificou a maldade de certos, ainda que a sua vida privada offereça o exemplo da mais doce virtude e resignação; consagrou-se á destruição de todas as illusões; rebaixou desapiedadamente o orgulho da raça humana. Como Montaigne, mas com uma convicção ainda mais profunda, proclama que a mais vã de todas as vaidades é a do homem. Prova que o mundo não foi creado para nós e que a natureza nos seus designios e combinações não se occupa com a felicidade ou infelicidade dos homens.

A fórmula por que trata a mulher é dura: “A perversidade das mulheres amedronta-me, não por mim, positivamente, mas por aquelles de quem sinto a desgraça...” Ao contrario do que pensava Rousseau, para Leopardi não é a civilização que nos corrompe. “Os homens são máos por natureza, escreve elle, mas comprazem-se em crer que o são por acaso”. Para qualquer lado que nos voltemos, a dôr será sempre o fim natural dos nossos actos. Só a illusão nos sustenta e nos faz viver. “Os homens são em geral o que os maridos são em particular. Para viverem em paz, têm a necessidade de acreditarem na honestidade das suas mulheres, e cada um por si crê nella enquanto meio mundo sabe bem o que pensar a tal respeito. Da mesma fórmula, para se viver agradavelmente num paiz é preciso tomal-o como um dos melhores da terra habitavel, e assim se faz”.

O argumento é especioso. Os maridos têm por seu lado innumeras culpas a encobrir e, si são enganados, são-no a maior das vezes por justa punição das suas faltas anteriores; conheçam elles toda a verdade sobre a conducta de suas mulheres, e não terão nada de que se lastimarem. E si Deus lhes deixa alguma illusão sobre esse ponto, elles não têm sinão que agradecer-lhe. O mesmo acontece com a maioria dos nossos tormentos, que muito bem podiamos ignorar, si os philosophos rudemente tratados pela natureza se não encarregassem de nol-os ennumerar tão detalhadamente. Não são os medicos especialistas que inventam as doenças novas? A illusão é um dom celeste, sobretudo quando ella nos submete á crença religiosa ou á obrigação moral, e é um verdadeiro culpado quem, destruindo-a no seu espirito, procura ir combatê-la no espirito dos outros. “Nós podemos não saber; mas o que nós não podemos saber podemol-o crer e devemol-o crer”, disse Kant para corrigir o seu systema critico. Ora Leopardi combate esta derradeira illusão dos metaphysicos. Elle não quer conhecer sinão a realidade positiva, - que nem sempre é a realidade verdadeira.

Para nos roubar toda a esperança de um aperfeiçoamento ou de um progresso qualquer, Leopardi pretendia que os nossos filhos, ainda que dotados do melhor natural, e não obstante todos os desvelos com a sua educação, seriam máos!

“Esta observação, escrevia elle, teria, talvez, valido mais do que a resposta de Thales a quem Soloa perguntou por que se não tinha casado: “E”, respondeu-lhe o philosopho, para evitar as angustias continuas que aos paes causam os revezes e os infortúnios dós filhos”. Ora eu creio que Thales teria mostrado mais razão e mais profundeza alegando que não queria augmentar o numero de máos.

Mas si todos temos mais ou menos maldade em nós, nem por isso somos, sempre unicamente, máos. Na maior parte das vezes, é até a bondade que vence em nossas almas, e si Leopardi houvesse procurado para além dos sombrios caminhos por onde a sua tristeza se aventurou, teria constatado que, mesmo dentro do seu tempo, o amor e a caridade não eram virtudes completamente esquecidas.

Que era que esperava ao fim do lamentável calvário desta vida? Uma morte, que não seria bela sinão com a condição de ser rápida: um fim tão breve quanto possível das nossas lutas inuteis, das nossas inuteis angustias, dos nossos sofrimentos vãos. Por que, portanto, não aniquilarmos rapidamente, por que não correremos de vez uma vida que nos é odiosa? “Não era natural que o homem primitivo se matasse, ou desejasse a morte. Hoje, ao contrario, taes coisas são naturaes, porque são conformes a uma natureza nova”. Poder-se-ia responder com os theologos que as privações da terra não são dadas para que tenhamos a gloria de as vencer: e que, si é precisa uma certa coragem para apontar resolutamente os vícios do mundo e todas as

tristezas da existência, mais o é, ainda, para viver de coração alto em meio da tormenta, e para nos defendermos contra a inevitável corrupção moral sem nos deixarmos contaminar pelos raciocínios desanimadores.

Não basta definir o vício e combatê-lo: é necessário têr-se a compreensão da necessidade salutar desse combate; não basta unicamente fazer o rol exacto das nossas desgraças: é preciso suportar-lhes com bravura o peso para melhor gosar os momentos de trégua que se nos concedem. Suicidarmo-nos é porventura realizar aquella fraternidade em que Leopardi via o unico meio de salvação possível para a humanidade? Não; e eis como Platin prova ao seu discurso sobre o suicídio: “Aquelle que se mata não se preocupa nada com os outros. Elle não vê mais do que a sua conveniencia individual. Despreza a família, despreza toda a especie humana. O suicidio é emfim o acto de egoísmo o mais cynico, o mais sordido e o mais abjecto que conceber se possa”. Si por acaso fosse verdadeiro ser o suicidio conforme á nossa nova maneira de pensar, seria tambem necessario confessar que a civilização tem prevertido em muitos pontos asã concepção da vida, e que seria necessario um regresso á natureza para seguir, em vez dos erros do seculo, a lei promordial da liberdade.

A philosophia de Leopardi, ampliada por Schopenhauer, commentada por Hartmann, ainda hoje está de pé e constitue, como o notou Dapples, “a doutrina fundamental de uma escola importante, sinão pelo numero dos seus adherentes, ao menos pelo seu valor intellectual”.

O individualismo intransigente de Nietzsche, o nihilismo d’alguns agitadores russos e allemães, o anarchismo (pois que Leopardi vae até nos ensinar esse mal) estão em germen nos *Pensamentos* do poeta pessimista. “Custa-nos a crer, escreve Dapples, que essa doutrina inteiramente negativa possa jámais tornar-se popular. O amor da vida, o instincto da reprodução, o orgulho das nossas obras, estão enraizados nos homens de uma fôrma tão profunda, que elles não pôdem dar por muito tempo credito a uma philosophia fundada sobre o vasio absoluto de todas as coisas”. Não tenho Leopardi, ajunta ainda, poupado nenhum dos nossos preconceitos, fez perder ao fatalismo philosopho uma parte consideravel do malefico attractivo que o deismo complacente de Voltaire e os devaneios humorísticos de Rousseau lhe haviam emprestado. E, afim de provar que a philosophia do celebre poeta italiano não conseguirá nunca propargar-se com tanto successo como o nihilismo (do qual, afinal de contas, o pessimismo de Leopardi não é mais do que uma reprodução). Dapples mostra no seu prefacio aos *Opusculos e pensamentos*, que a religião Çakya Mouni deveu a sua prodigiosa fortuna exactamente á transformação do seu principio. Emquanto o grande poeta hindú negava Deus e pregava o aniquilamento dos seres no Nirvana, os seus discípulos, mesmo os mais próximos, fizeram do próprio Ruilla um deus e do Nirvana um Paraiso.

Ora a doutrina de Leopardi tem-se transformado de uma maneira semelhante, e é á mercê de um verdadeiro disfarce que ella tem feito o seu caminho pelo mundo. O “Cysne Negro de Recanati”, como se poderá chamar-lhe, não sahirá nunca do seu illumio de melancolia absoluta, irremediavelmente compenetrado como estava das desgraças da nossa humanidade. Todos os prazeres humanos eram para elle vãos e illusorios: e riu-se deles com uma ironia cruel. Ora, o individualismo, o nihilismo e o anarchismo, gerados da philosophia pessimista, não pretendem por fórma alguma privar os seus adeptos das satisfações terrenas, podendo mesmo dizer-se que essas diferentes; “opiniões” não devem a sua rápida diffusão sinão á promessa dos prazeres de todo o genero, que a sua realização permite e á ampla inumunidade que asseguram a todo aquelle para quem o bem do próximo – o bem material – é a unica coisa ambicionavel!.

Si a philosophia de Leopardi não exerceu pois uma influencia immediata, certo é que ella marca um estagio d’alma desesperado, evidentemente peculiar a toda uma geração de pensadores¹⁵. Repelida e amplada com um gênio incomparavel por Schopenhauer, não penetra no vulto sinão bastante tarde. O mundo havia experimentado decepções novas quando os livros de Schopenhauer se propagaram e o desespero era tamanho, que innumeradas pessoas acolheram com transporte a palavra blasfematória do pessimista de Francfort¹⁶.

¹⁵ Sabe-se que Alfredo de Musset experimentava uma vida de admiração pelo escriptor italiano, a quem oferece versos. Em uma segunda edição dos *Coprices de Merienne* o poeta francez intercala uma citação das obras de Leopardi.

¹⁶ Sob o poeta de vista chonologica, convivia expor as theorias de Schopenhauer a seguir ás de Leopardi. As obras do philosopho de Francfort não começaram a propagar-se sinão em 1830. O colle, ativismo e a religião experimentavam os seus primeiros ingressos. O pessimismo schopenhaueriano traduzia á maravilha as noções decepções do mundo. A essa influencia histórica é, pois, posterior ao de seu nascimento, um quarto de seculo approximadamente.

Leopardi¹⁷

Leonardo Mascello

Pobre Leopardi! Depois de Dante, talvez nenhum poeta italiano fosse tão profundamente infeliz e tão divinamente inspirado como elle. Corcunda, raquitico, feio, com um aspecto que não se sabia se era de um velho ou de um menino, elle passou a sua vida breve e dolorosa imprecando contra o destino. Seu pae, o conde Monaldo Leopardi, de indole severa e de princípios monarchicos, não deixou de educar convenientemente aos seus filhos Jacob, o poeta, Carlos, Francisco e Paulina. A mãe, marquesa Adelaide Antice, era mais rija e um pouco mais dura. O principio do dever e as preocupações econômicas as vezes suffocavam nella os divinos instictos da maternidade levando-a a ser talvez muito pouco expansiva e affectuosa para com os seus filhos. A critica tem demonstrado que o primeiro livro que impressionou vivamente ao infeliz poeta de Recanati, nascido em 1798, foi o da *Imitação de Christo* attribuido a Thomaz de Kempis; livro que é uma obra prima de poesia, digno de estar ao lado dos poemas bíblicos. Leopardi, quando menino, era muito piedoso e rezava muito; quando porém reparou na sua condição physica e na sua complexão deforme, justamente naquella idade em que abrolham no coração humano os primeiros cuidados do amor e na alma as vagas imagens de um mundo mysterioso e ethereo; visões de seres puros, risonhos, como que rodeados de uma atmospherá de sonho; visões fugitivas perseguidas com ancia afanosa e entrevistas nas faceis e volaveis paysagens da phantasia exetada; quando pois comprehendeu bem a sua desventura e medio com seu intuito philosophico e a sua mente terrivelmente logica e inflexível toda a miseria, o aborrecimento e o desespero, que o esperava no futuro, então retrahio-se em si mesmo, e refugiou se para a biblioteca paterna, assim como uma corça ferida some-se na matta gemendo e deitando sangue.

Então elle aggarou-se ao mundo antigo, a uma civilização desaparecida desde séculos, como que protestando e renunciando a sua época e á vida misera e triste e á natureza impiedosa que lhe dera um corpo deforme e uma nobilíssima e generosa. E abysmou-se naquelas idades mortas e longínquas; e conversou com os espíritos magnos de Athenas e de Roma; com os philosophos de Alexandria e de Cyrene e com os Santos Padres da Igreja e os antigos Patriarchas. Pobre Leopardi! Não podendo conseguir o amor, vendo-se quase abandonado e excluído das alegrias mais communs da vida, elle que nunca bebeu um sorriso sobre a bôcca severa de sua mãe, concebeu um desejo extraordinário de gloria. Esta lhe sorria

¹⁷ Texto extraído do *Jornal de Recife*, de 08 de dezembro de 1911.

de longe convidando-o com promessas encantadoras. Leopardi jurou atingil-a e possui-a a qualquer custo. Eis como elle escrevia a este respeito a Pedro Giordani em 1817: “Eu tenho um desejo de gloria muito grande e talvez desmedido e insolente; eu quero levantar-me, tornar-me grande com o engenho e com o estudo”; e no 1819: “eu quero antes ser infeliz do que pequeno”. Pobre Leopardi! Infeliz já o era, pois a sua fé estava perdida e a saúde irreparavelmente estragada por sete longos annos de estudo continuo e desesperado, durante os quaes escreveu sete grandes tomos de apontamentos, notas, observações, pesquisas philologicas, dissertações eruditas, commentarios, traducções e ensaios philosophicos e moraes. E tudo isto n’uma idade tão verde e com um corpo tão fragil e doentio! Elle estava já celebre pela sua erudição extraordinária, quando os outros meninos apenas sabem declinar: *rosa rosae* dos bancos da escola. Com 16 annos de idade ofereceu [ilegível] um manuscripto contendo o texto corrigido da *Vida de Plotino* de Porphyrio, com uma traducção latina e comentário. O insigne filólogo Creuzer que passou toda a sua vida estudando Porphyrio, no 3º tomo do seu *Plotino* aproveita muitas observações do autor italiano de 16 annos (V. Sainte-Beuve, *Portraits Contemporains*, tomo 4, pag. 367).

Jacob Leopardi era um espirito elastico, um grego authenticico por anachronismo nascido no fim do seculo XVIII.

O seu grande e intenso amor á vida, á gloria, aos bens deste mundo, foi-se avolumando na sua alma *alta, gentil e pura*, como elle mesmo a chama, devido áquelle espiritual contacto e convivencia intima com o pensamento e a civilização pantheistica dos gregos e latinos.

O seu ideal era uma vida forte, serena, physica e moralmente perfeita. Não podendo realizar, por um conjunto de circumstancias lastimaveis e sobretudo pela deformidade do seu corpo, este seu ideal, tornou-se pessimista, descrente e atheu. Começou com imprecar á sua condição infeliz, á sua sorte cruel, ao seu tempo, á sua terra natal, e pouco a pouco levantou se até a meditação da dôr e de infortúnio do genero humano, como se pode observar em muitas poesias e especialmente nos diálogos. Impreca á sciencia que destruindo os vagos erros e os sonhos da imaginação toras a vida prosaica e priva de qualquer encanto; inveja as idades antigas com suas fabulas e crenças mythologicas e dis abertamente que as descobertas em ves de engrandecer, limitam e amesquinham o nosso globo.

Para elle a vida nua, na sua misera realidade esqueletica e fria, é impossivel insuportável.

Nisto elle se patentes verdadeiro poeta, visto, não poder absolutamente renunciar á imaginação ao sonho, como condições essenciaes á felicidade humana e á realização de qualquer ideal artistico. Mas eis o contraste verdadeiramente tragico e caracterisco na poesia

leopardiana: enquanto elle mesmo parece mergulhar-se num mundo irreal de ont'ora, enquanto procura esquecer o presente e sumir-se para o passado felis e heroico, conhece e adverte perfeitamente que tudo isto não passa de um engano, de uma illusão e retrahe-se como que desgostado de si mesmo, desesperado por não poder mais acreditar sinão no sofrimento e na infinita vaidade do mundo!

E enquanto lamenta a sua condição desesperada, olha para as coisas bellas da vida, de que nunca pôde fruir, e nega-as depois de as retratar divinamente! A sua poesia é um continuo soluço, um continuo chorar, sem esperança e consolo nenhum sobre os destroços da sua existencia como que sufocada pelas terríveis mãos de um destino desapiedado; é, como dis um grande pensador, um continuo lembrar-se dos primeiros annos da sua vida a choral-os perdidos para sempre. E como elle não pode experimentar uma só hora de felicidade, um só momento de allivio, conclue que a natureza é má, que não há providencias, não ha sisão um destino obscuro e mysterioso que atormenta todos os homens. Não é portanto o seu um pessimismo philosophico, mas sentimental e subordinado a sua condição actual. E' o pessimismo do doente insanavel e desenganado que debalde se esforça por persuadir a si mesmo que tudo na vida de é tristeza e sofrimento. Não é, o de Leopardi, como o pessimismo de Salomão que falava *ex abundantia cordis* e depois de ter saboreado todas as delicias e as volúpias da vida; nem como o de Schopenhauer, artificialmente contraindo sobre uma concepção philosophica do mundo. Pobre Leopardi! Por isto mesmo encontramos nas suas poesias não poucas contradições; encontramos em primeiro logar sua alma de verdadeiro poeta, dotada de sua imaginação fervida e fecunda, que communica sua vida immortal (a vida da arte) a todas as cousas e a todos os assumptos que trata; imaginação prodigiosa na qual, embora o poeta não acredita mais, nunca pôde deixar de confiar as suas queixas, as meditações philosophicas e as mesmas negações edonisticas com que elle se esforça por abater poeticamente a poesia da vida! Contradição sublime e dolorosa que resulta do tragico choque entre a mente do philosopho e o sentimento profundo do artista, que prevalece. E por isto ninguem lendo as poesias de Leopardi se convence de que a vida é uma seria infinita de males, de sofrimentos e de desenganos; mas ninguem pode ficar impassível perante tamanha dor e desespero que arranca á alma do poeta gritos e frêmitos que nos commovem profundamente.

Entretanto elle canta a pátria e seus heroes chorando lagrimas de sangue sobre a ruina da Italia e a decadência de estirpe; os grandes espíritos antigos que passaram a vida inteira num continno frêmito de lucta e de aspirações sublimes e generosas; os martyres da liberdade e os que moveram guerra a qualquer tyrannia. Ninguem melhor do que elle soube cantar as noites de tempestade un tetricamente sepultadas no silencio e na escuridão; as noite divinamente

enluaradas e serenas, ecoando das voses dos camponeses e dos cantos dos grillos e das rans longínquas. E quem como Leopardi soube com mais eficácia e evidencia descrever a melancolia ineffável que aperta o coração ouvindo alta noite um cantar solitário e monotono que vae esmorecendo pouco a pouco, até não ficar sinão um como rasto sonoro por entrar o grave silencio nocturno? Ninguem dos poetas modernos, ao menos italianos, soube como Leopardi, descrever os chuueiros improvisos, entre relampagos e trovões, que aterram os homens e os animaes e paralisam a vida no campo e na cidade; os gritos dos vendilhões após a tempestade e o canto do carroceiro que cantinúa a sua viagem; e o chilrear dos passaros e o ruidoso rolar do rio sobre o leito de pedregulho, e os innumeraveis aspectos da natureza. Porém em quase todas as lyricas de Leopardi aparece e emerge, como um *leitmotif*, uma nota dolorosa, um como acorde aspero e irônico que enturva a visão e envenena o sereno gozo esthetico com a duvida e a negação. E esta nota característica da poesia leopardiana as veses attinge alturas épicas, especialmente quando o poeta, esquecendo os seus soffrimentos particulares, torna-se o cantor da dor universal, como na bellissima lyrica intitulada: *La sera del dí di festa* que aqui traduzimos e parafraseamos em alguns pontos.

“A noite está doce e clara e sem vento; a lua tranquilla paira sobre os telhados e os hortos iluminando do longe as montanhas serenas. O’ minha querida, já toda senda se cala; e rara translus pelas vidraças a lampe nocturna. Tu dormes, pois nos teus aposentos tranquillos um somno suave esperava-te; e não te morde cuidado nenhum; e não sabes, nem suspeitas quão terrivel ferida me abriste no coração. Tu dormes; entretanto em contemplo este céu tão benigno á vista e a antiga natureza que me fez tão infeliz”. “A ti nego até a esperança me disse; e teus olhos não brilharão sinão de pranto!”

Hoje foi um dia de festa; agora tu descanças dos divertimentos e talvez sonhas com os que te agradaram e que te admiraram durante o dia. Eu é que não te venho á mente, nem espero esta ventura. Entretanto eu vou pensando que me resta ainda a viver e aqui, atirando-me ao chão, grito e fremo desesperadamente. O’ dias horrendos em uma idade tão verde ainda! Ah!

Oiço de longe e canto solitário do artista que volta alta noite para casa após um dia de folga; e meu pobre coração estremece constringido pensando que no mundo tudo passa sem deixar resto nenhum.

Eis que o dia festivo acabou-se, e a um dia de jubilo vae seguir outro de trabalho e de pena e o tempo apaga todos os acontecimentos humanos. Onde está a fama dos povos antigos? onde a gloria dos nossos antepassados? e o imperio grande da Renascença se [ilegível] e frugor que echoa por terras e por mares? Agora tudo é pas e silencio e no mundo nem se fala mais delles. Eu quando creança, naquela idade em que com ancia grande se espera o dia festivo,

despois deste passar, custava muito a pegar no somno no meu leito; e então, alta noite, apartava-me tambem o coração um cantar que se ouvia pelas sendas e ia esmorecendo pouco a pouco por entre o silencio nocturno”.

Mas não é esta só a lyrica em que o pobre Leopardi descreve os íntimos desesperos de um amor excruciante e vehementissimo. *Il primo amore, Aspasia, Ultimo canto di Saffo, Il pensiero dominate, Amore e morte, Alla sua donna, Consalvo*, são dolorosamente vibrantes de um amor imenso e desgraçado que macera e devora o mais nobre e o mais desventurado coração de poeta. Pobre Leopardi!

Entre as poucas consolações que lhe couberam na sua breve e trabalhada existencia foi a amizade de Antonio Ranieri que seguio e resistio ao poeta até aos ultimos dias da sua vida. Leopardi passou diversos annos em Milão, onde collaborou na revista *Spettatore*; em Florença onde publicou diversos estudos philologicos na *Anthologia* e em Roma onde conheceu Niebuhr que apreciou muito a erudição do poeta e se esforçou por leval-o comsigo para Berlim como professor daquela universidade. Sainte-Beuve, na obra acima editada, fala de doces satisfações do poeta em Roma, onde, incrivel a se dizer, o nosso pobre Leopardi não pode obter um emprego qualquer! A verdade é que elle não podia encontrar allivio e gosto nenhum, onde quer que fosse, pois o seu maior inimigo estava-lhe sempre ás costas e atorturava-o desapiedadamente. A sua doença e os soffrimentos lhe envenenam a existencia e augmentavam cada vez mais. A isto acrescentavam as necessidades econômicas, porque seu pae embora não fosse avarento, não se decidio a socorrel-o sinão depois que o filho lhe dirigio uma carta commoventissima e nobilissima, com que lhe expos as suas condições.

Elle passou em Napoles os seus ultimos annos em companhia do seu muito dedicado amigo Antonio Ranieri, do qual elle costumava dizer por graça (e talvez por ironia) que *nem o raio de Jupter e podia separar!* Morreu de hydropisia no peito, com apenas 39 annos de idade, ás cinco horas da tarde do dia 14 de Junho de 1837.

Algumas horas antes de morrer escrevêra sobre um álbum de um amigo alguns versos da sua bellissima lyrica *Il tramonto della luna*. Assim como a lua que se põe deixa desertos e sombrios aquelles campos e aquellas aguas que dantes illuminava, da mesma maneira a mocidade que foge deixa a vida toda deserta e envolvida na treva. “E todavia vós, collinas (diz o poeta) e vós, praias, não ficareis muito tempo na sombra; vós encontrareis outra ves na parte opposta do horisonte uma nova aurora seguida de um sol radioso. Mas a vida mortal, depois que a bela mocidade fugio, não se colora mais de outra luz, nem de outra aurora. Ella fica viuva até o fim; e a esta noite que obscurece todas as outras idades os deuses poseram a morte como ultimo limite.”

O corpo do poeta foi enterrado na pequena igreja de S. Vidal. O padre Joaquim Tagliatela, napolitano, numa doura memoria publicada em 1908, demonstrou com documentos tirados da biblioteca parochial da sobredita igreja que o infeliz poeta antes de morrer recebeu todos os sacramentos e os confortos da religião catholica. A misericordia de Deus é grande.

O Cysne Negro de Recanati¹⁸

Paula Guimaraens

Foi, sem duvida, a nimia gentileza do meu amigo Júlio Rocque, fazendo com que me chegasse ás mãos a *Tristeza Contemporanea*, que me suggerio algo, pudesse de alguma sorte meditar sobre o assumpto que epigrapha estas linhas: outrosim, ainda mais uma vez adverso às idéias que professa o meu amigo, commento, embora perfunctoria e pallidamente as concepções de um dos mais fecundos pensadores pessimistas. fóra de duvida, fonte e origem do philosophismo Schopenhaueriano, de Hartmann e mais tarde o de Nietzsche.

Leopardi, em nossos dias, exclusivista, não deixou de o ser, entretanto, segundo as affirmativas de Carducci, o mais romantico e mais lyrico dos poétas italicos.

A tristeza sempre elegiaca e sentimental, a melancholia pittoresca de sonhadores-poetas, avassalando e dominando os espíritos não prepostos ás injunções de uma lucta verdadeira e leal, encontra na Europa o seu primeiro desmentido nas poderosas lucubrações do Cysne Negro de Recanati, como o chama Firens-Gevaert.

Perdurem embora, a linguagem e os gestos da melancholia universaes !!...

O optimismo nunca prophetisou, é bem verdade, e simplesmente porque, crendo-se seguro, fallecia-lhe quasi em absoluto a falta de discernimento.

Salomão, no dizer de *Grierson*, foi o primeiro poeta pessimista com poder real, originalidade e distincção.

O Velho Testamento ainda se nos mostra, à miúdo, o pranto atravez todo o pessimismo hebraico; o pessimismo grego era philosophico e poético; os romanos pagãos tornaram-se estoicos e nunca choraram; mas, os christãos de Roma fizeram-se extaticos e mysticos!

Em nossos dias, deixou de ter lagrimas e momentos de mystica alegria—o pessimismo.

Os grandes altruistas, taes como Cicero, Demosthenes e Bossuet, que nunca foram tão grandes senão quando fallaram de si mesmos, negando a fraternização e o amôr ao proximo, deram azas à revolta immensuravel de Leopardi que considerou a vida uma profunda miseria.

No entretanto, Leopardi, errou.

Errou, porque não reconhecendo o egoismo como humano e imprescindivel, deixou de reconhecer o facto incontestavel da socialidade.

Era incréo e covarde.

¹⁸ Texto extraído do Jornal *O Municipio*, de 13 de julho de 1913.

Increo, porque rebaixou o orgulho da raça humana; covarde, porque affirmava que a perversidade das mulheres o amedrontava, *não por ele*, mas, por aquelles de quem presentia a desgraça. E neste ultimo ponto, foi paradoxal!

Abrindo guerra de morte aos metaphysicos, contraditou o aphorismo de Kant, que reza:—Nós podemos não saber; mas o que nós não podemos saber, podemol-o crer e devemol-o crer. Não admittia senão axiomática, a realidade positiva, que ainda em nossos dias, pode ser falta de verdade.

O pessimismo de Leopardi, que é mais ou menos um arremedo do budhismo, assim como o individualismo intransigente de Nietzsche, o nihilismo, o anarchismo e outras doutrinas que, longe do evolutirem, deturpam a organização social, negando o amôr da vida, o instinmcto da roproduçãõ, e o orgulho de auctor, embora se constituam doutrinas fundamentaes de escholas importantes, jamais encontrarão adeptos fervorosos ante o desvendar incessante tumultuoso dos factos humanos, sociaes.

Dapples diz que a religião de Kukya-Mouni deveu a sua prodigiosa fortuna, á transformação do seu principio; e enquanto o grande ascéta hindu negava Deus e pregava o aniquilamento dos setes no Nirvana, os seus discipulos, mesmo os mais próximos fizeram do proprio Budha um Deus, do Nirvâna um paraizo!

Ha de facto, duas grandes vias na perspectiva do olhar, para abordar as neblinas do mundo:—o imperativo e o conciliatório.

O primeiro é absoluto, o segundo vacillante. Calvino e Luthero em religião; Spinoza e Schopenhauer em philosophia, eram absolutistas. Bacon olhava o mundo, desde as alturas; Pascal, nunca lhe concedêo um pensamento; Goethe, ria-se delle; Schopenhauer dissecava-o e Nietzsche o fazia sem piedade.

No entretanto Goethe, unificou a sciencia ao sentimento poético, quer dizer o sentimental ao metaphvsico.

“O pessimismo é gerado pela instabilidade das cousas phisicas e moraes, por longos annos de pobreza, por desilluzoes philosophicas, e politicas.”

A palavra, blasphematoria embora, incide sobre essa doutrina perigosa.

Não basta combater o vicio: urge combatel-o e ter a maxima comprehensão desse combate; não basta conhecer todas as nossas desgraças, senão evital-as.

Leopardi, chegava a affirmar que o suicidio, era a unica salvação possivel para a humanidade, asserção mais tarde, brilhantemente, refutada por Plotin, que escreveo

- “aquelle que se mata, não se preoccupa nada com os outros”.

Elle não vê mais que a sua conveniencia pessoal. Despreza a familia, despreza toda a especie humana.

O suicidio é enfim o acto do egoismo mais cynico, mais sordido, mais abjecto que conceber se possa.

Ser pessimista, é avançar demais.

Grierson, o erudito critico inglez, diz-nos haver, belleza e esperança em Burne-Jones; belleza e aspiração em Rosseti; belleza e desespero em Maetherlinck; belleza e loucura em Wagner.

Não ha luzes de cal.

Não ha cadencias, nom artificies illusorios, nem fantasias intrincadas, no domínio da arte.

Somos collocados, do subito, alem das lamentações e dos entresonhos vagamente acalentados ainda pelos poetas mais pessimistas, e parámos, ante o ataúde do pinho da esperança coberto com as rosas murchas da moderna desillusão.

A doutrina mais forte, mais pratica, mais humana, mais scientifica, mais nobre e mais verdadeira, é sem duvida o evolucionismo.

Nada existe do mais formal e provado do que meditar, baste um olhar retrospectivo, sobre as civilisações transactas, através do processo lento da lei evolucionista, que a sociedade virá alcançar um dia, um plano de insophismavel harmonia cooperativa.

Assim pensava Herbert Spencer - a maior cerebração da humanidade.-

TRADUÇÕES/TRADUZIONI

Canto Nocturno de um pastor erradio na Asia¹⁹

Giacomo Leopardi
Tradução de Rui Barbosa*

Que fazes pelo céu, onde te estás,
Silenciosa lua?
Ergues-te á noite, e vaes,
Mirando os ermos. De manhã repousas.
Inda te não enfadas
Desse eterno volver eternas vias?
De rever-te por valles e quebradas
Já te não intendias?
Semelha a tua vida
A vida do pastor.
Surge ao primeiro alvor.
Leva o tardo rebanho, e pelos campos
Só fontes vê e prados e rebanhos
De noite cerra os olhos, e descança:
Não tem outra esperança.
Dize, lua, que val
Ao pastor sua vida.
A tua vida a ti? Diz: a que tende
Esse vaguear meu breve,
Teu curso perenal?

Velhinho branco, enfermo,
De andrajos, pés descalços,
Pesadissimo fardo posto aos hombros,
Por algares e combros.
Agudas fragas, areiaes, silvedos,
Ao vento, á tempestade, e quando abrasa.
E logo quando gela,
Corre, molreja, anhela,
Transpõe torrentes, vinga tremedaes,
Cáe, resurge, e se esfalfa mais e mais
Sem poise, nem reparo,
Dilacerado, em sangue. E quando o termo.
Acenar-lhe parece
Do caminho e das longas agonias,
Abysmo horrído, imenso
Abre-lhe o seio; e no seu fundo o esquece
O' virgem lua, tal
E'a vida mortal.

¹⁹ Texto traduzido em 1884 e publicado no jornal *A Política* em 16 de junho de 1918.

Nasce o homem entre dôres,
E é já risco de morte o nascimento.
São penas e tormentos
Estrellas do viver. Mal principia.
Meigos progenitores
De nada ser já lidam consolal-o.
Emquanto vem crescendo,
Sustentamon' o extremosos dia a dia
Com a palavra e o carinho,
Dando animo ao mesquinho
Por confortarl-o contra o humano estado;
Officio mais amado
Não ha de paes á prole bemquerida.
Mas porque á luz trazel-a,
Porque suster na vida
A quem consolar tendes de viver-a?
Se a vida é desventura,
Por que por nós perdura?
Intacta lua, tal
A condição mortal.
Mas, pois, mortal não és
Que tens com meus gemidos neste val?

Sózinha, emtanto, eterna peregrina,
Tão pensativa sempre, acaso entendes
Este viver terreno,
O soluçar da dôr que nos crucia,
Este morrer e descorar supremo
Da vida, no semblante,
O extinguir se da terra e o lancinante
Ultimo adeus á humana companhia?
De certo comprehendes
Das coisas “o porque”; sabes o fructo
Das manhãs e das noites,
Do tacito, infinito andar do tempo.
O dôce amor descobres, a quem, rindo,
A primavera amima,
A quem affaga o estio, a quem requesta
A gelidez do inverno a nós funesta.
Mil coisas sondas tu, mil descortinas,
Veladas ao pastor como divinas.
A's vezes, contemplando-te
Muda sobre a planura do deserto
Cuja curva remota o céu confina,
Ou vendo o passo meu calado, incerto
Seguires resvalando, perto, perto.
Emquanto em astros arde o céu inteiro,
Dogo entre mim scismando;
Por que tanto luzeiro?
Que faz o ar sem limite e esse profundo

Infinito impassível? Essa imensa
Solidão que nos diz? Que sou eu mesmo?
Penso, penso; e da estancia imensurável
Do universo magnifico,
De toda esta familia inumerável
Desse lidar continuo, em que se agita,
Nos céos, na terra, tudo em torvelinho
Sem pausa, nem remanso,
Andando e desandano um só caminho,
Proveito não alcanço,
Adivinhar não sei. Mas bem presinto.
Eterna joven que conhece tudo.
Bem me preluz, e sinto
Que do eterno gvrar do firmamento
E do meu ser terral,
Dita, ou contentaman-o
Outrem colhe, talvez. Mas eu, só mal.

Rebanho meu, feliz no teu repouso,
Que nem tua miseria sonharás.
Que inveja te não tenho?
Do espinho dos prazeres.
Incolume espaireces.
Fadigas e penares.
Terroreres mesmo em um momento esqueces.
Inda mais: nunca o tédio conheceste.
Se á sombra jazes, quedo no reivado,
Tudo te é delicia
E assim, dôce caricia
Vae-te o anno quasi todo sem enfado,
Recline-me eu da varzea á fresca alfombra,
Logo a mente me ensombra
O fastio: um pungir me morde nalma;
Quêda o corpo; mas nunca estou mais longe
De poiso amigo e calma.
Emtanto, nada anhêlo,
Nem tive, até aqui, hora de pranto.
O que desfructes, quanto,
Dizer, não sei; mas bem dito o és
Nem só do escasso goso me lamento
Rebanho meu, bem vês.
Se fallasses, dir-te-ia, em meigo accento:
Por que é que preguiçando
Estendido em suave desafogo;
Se deleita o animal.
E eu me fino de tédio no reival?

Tivesse eu livres azas,
Com que as nuvens vencer, e cada estrella.
Contar, que além fluctúa,

Ou qual trovão errar de cimo em cimo,
Mais venturoso, ovelhas do meu mimo.
Mais feliz fôra então, candida lua.
Mas quem sabe? Talvez que a sorte alheia
No julgar, minha mente desvaneia,
Talvez da vida a fórmula nada val.
E berço ou antro embora a origem sua,
Funesto a todos seja o seu natal.

(*) Leopardi (Giacomo) o celebre pessimista, summo philosopho, rival, em philosophia, dos maiores investigadores que a Alemanha tem produzido, prosador de uma pureza hellenica, incomparavel entre os seus contemporâneos, é, ao mesmo tempo, o cantor de que os mais competentes críticos têm dito que a poesia italiana, depois de expirar nos labios de Dante, renasceu nos deste gênio desafortunado. Dentre os modernos poetas de sua pátria, apenas com elle compete Manzoni, e isso mesmo em mui raras das suas produções. A versão que cometemos a temeridade de publicar, o pálido e malogrado transumpto do original, conge-se ao mesmo metro, ao mesmo numero de versões e á mesma disposição da rima que a poesia italiana.

(O traductor)

A si mesmo²⁰

Giacomo Leopardi
Tradução de Júlia Cortines

Vais repousar pra sempre, ó meu cansado
E triste coração!
Supus eterna, e, no entretanto, é morta
Minha extrema ilusão.
É morta. Sinto bem
Que não só de quimeras a esperança
Está, dentro de nós, extinta, como
O desejo também.
Repousa para sempre. Palpitaste
Bastante. Nada val
O teu afã, nem de suspiro é digna
A terra. Nela o mal
Impera, e não tem fim.
É tédio apenas e amargura a vida,
E o mundo em que vivemos, lodo apenas.
Acalma-te, por fim.
À nossa raça miseranda o fado
Um dom único fez:
O dom da morte. Desespera agora
Pela última vez.
Contigo envolve num
Igual desprezo a natureza toda,
E a lei oculta e bárbara que rege
A miséria comum.

²⁰ Tradução publicada no jornal *A Semana* de 18 de Agosto de 1894.

Imitação²¹

Giacomo Leopardi
Tradução de F. Solano

Oh! pobre folha arcada,
do teu ramo perdida.
onde vaes, pobre folha?
-Vejo-me separada
da fain, onde nascida,
que o vento me desfolha
E, frágil peregrina
eu, pobre folha erro
Sem repouzar no chão:
-no bosque, na campina
do valle ao cerro,
levada do tufão.
E, vou, perpetuamente
Vaguiado descaldosa
sem ter um paradeiro
- onde naturalmente
vae na folha da rosa,
e a folha do loureiro.

²¹ Tradução publicada na revista *Pallum* em 1906.

La Sera del dí di festa²²

Giacomo Leopardi
Tradução de Leonardo Mascello

A noite está doce e clara e sem vento;
a lua tranquila paira sobre os telhados e
os hortos illuminando do longe as montan-
has serenas. O' minha querida, já toda
senda se cala; e rara translus pelas vidra-
ças a lampa nocturna. Tu dormes pois,
nos teus aposentos tranquillos um somno
suave esperava-te; e não te morde cuida-
do nenhum; e não sabes, nem suspeitas
quão terrível ferida me abriste no cora-
ção. Tu dormes; entretanto eu contem-
plo este céu tão benigno á vista a anti-
ga natureza que me fez tão infeliz.
A ti nego até a esperança me disse; e teus
olhos não brilharão sinão de pranto!
Hoje foi um dia de festa; agora tu
descanças dos divertimentos e talvez so-
nhes com os que te agradaram e que te
admiraram durante o dia. Eu é que não
te venho á mente, nem espero esta ven-
tura. Entretanto eu vou pensando no
que me resta ainda a viver e aqui, atiran-
do-me ao chão, grito e fremo desespera-
damente. O' dias horrendos em uma ida-
de tão verde ainda! Ah!
Oíço do longe o canto solitario do ar-
tista que volta alta noite para casa após
um dia de folga; e meu pobre coração es-
tremeos constringindo pensando que no
mundo tudo passa sem deixar rasto nenhum.
Eis que o dia festivo acabou-se, e a
um dia de jubilo vae seguir outro de tra-
balho e de pena e o tempo apaga todos
os acontecimentos humanos. Onde está
a fama dos povos antigos? onde a glo-
ria dos nossos antepassados? e o imperio
grande da Roma, armas e o fragor
que echoava por terras e por mares?
Agora tudo é pas e silencio e no mundo
nem se fala mais delles. Eu quando creança,
naquella idade em que com ancia
grande se espera o dia festivo, depois

²² Tradução publicada no *Jornal do Recife* em 8 de dezembro de 1911. O título não foi traduzido.

deste passar, custava muito a pegar no
somno no meu leito; e então, alta noite,
apertava-me também o coração um can-
tar que se ouvia pelas sendas e ia esmo-
recendo pouco a pouco por entre o sileneio nocturno.

POESIA

Sonhei²³

Baptista Franco

*Chi sa? non veggiam noi spesso di state
Cader le stelle?
(Frag. de Leopardi).*

Sonhei que em certa noite de luar
Vi, de repente, pelo espaço afóra,
A lua vir rolando e, em terra, agora,
Chispante em fogo, os campos percalcar

Ora, pensei: - “Não vemos nós tombar
Tanta estrella fugaz que se alcandóra
Pelo Zenith e se sumir, embora
Mergulhe alem, no coração do mar?”

Mas para logo a mente, em scima, disse:
-”Tantas estrellas ha quem é mais tollice
Pensar que possa haver damno maior

Em cahir uma ou outra de entre mil
Que tu que vagas só, astro gentil -
Como primeiro amor ao meu redor!”

²³ Poema publicado no jornal *A Madrugada* em 13 de fevereiro de 1902.

A Giacomo Leopardi²⁴

Júlia Cortines

Leio-te: e a triste e máscula poesia
Que dos teus lábios flui, dolente e forte,
Enche a minha alma de melancolia.

Como tu, nada vejo além da morte
No tormentoso pélagos da vida
Que a uma plaga serena nos transporte.

Volvo, contigo, a vista entristecida
Ao silencioso pó da morta idade,
Que o mundo enchia de rumor e lida.

Punge-me a dor, lacera-me a saudade,
Quando tu cantas a inefável hora
Das quimeras da curta mocidade.

Sofres? Também minha alma sofre e chora:
Prélios inúteis, ilusões desfeitas,
Toda a miséria do viver deplora.

Quanta amargura nesse olhar que deitas
À glória vã, que atrai, seduz e passa,
E às almas, todas ao sofrer sujeitas!

Bebo também do tédio a amara taça,
E sinto, quando a tua angústia leio,
Que esse teu coração, que a dor enlaça,

Palpita dentro do meu próprio seio.

²⁴ Poema publicado em 1905 no livro *Vibrações* pela editora *Laemert* e extraído de Araújo, Gilberto (Org.). Júlia Cortines. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.

Leopardi²⁵

Santos Netto

Quando os teus versos leio, uma piedade funda,
Todo o meu ser penetra; em teus versos ha a alliança
Do acrysolado amôr e da eterna vingança,
De alma triste a gemer solitaria e profunda.

Ter ancias para amar e ser poeta e corcunda!
Não ver, siquer de longe, um clarão de bonança,
Sentir a alma rolar pela desesperança,
A's invectivas crueis da ignara turba immunda!

Oh! destino fatal! oh! dura sorte abjecta,
Que os olhos nos traz sempre arrasados de pranto!
Oh! meu grande, immortal, desventurado poeta!

A Italia ha de lembrar teu genio soberano,
Emquanto existir magua e dôr que punge e emquanto,
Palpitando, vibrar o coração humano!

²⁵ Poema publicado na Revista *O Malho* em 25 de maio de 1907.